RECIFRAMES

Organização
Raimundo de Moraes

Reciframes

Organização
Raimundo de Moraes

MIRADA

Recife
2020

Capa

Rebeca Gadelha

(still frame do filme Quantos Gritos Cabem no Silêncio dessa Cidade - Ator: Quiercles Santana, Direção: Taciana Oliveira)

Fotografias

Priscilla Melo

Taciana Oliveira

Direção de Criação

Taciana Oliveira

Organização

Raimundo de Moraes

Design Gráfico

Rebeca Gadelha

MIRADA
SELO MIRADA É UMA MARCA ZEST ARTES E COMUNICAÇÃO

Dados Para Catalogação na Fonte

Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

R297

Reciframes / Organizador: Raimundo de Moraes; fotografias de Priscilla Melo e Taciana Oliveira; curadoria fotográfica de Taciana Oliveira. - 1. ed. - Recife: Selo Mirada, 2020.

PDF (92 p.): il.

Inclui dados biográficos dos autores.

ISBN 978-65-991660-7-5

1. Literatura brasileira – Conto – Recife. 2. Literatura brasileira – Poesia – Recife. 3. Literatura brasileira – Crônica – Recife. I. Título.

CDD B869

Índice

Apresentação
Hodierna,odiosa (e possivelmente outros perfis randômicos)
Raimundo de Moraes 7

Três rapazes e um quarto
Alexandre Figueirôa 10

Evocações de um Recife ou A vida é sopro
Alexandre Furtado 13

Chora menino
André Balaio 17

Agite antes de usar
Adryenne Myrtes 20

Recife subjetivo amor
Cícero Belmar 24

geração
Cida Pedrosa 28

Carta para Papai Noel
Cleyton Cabral 30

Anjinho negro no céu de Recife
Everardo Norões 31

O nome da cidade
Fábio Andrade 35

NHAC!
Flávia Gomes 37

Fred Caju 39

Soturna
Geraldo Maia 41

A Sociedade dos Quatro
Hector Pellizzi 45

Rua Imperatriz Tereza Cristina
João Gomes 43

Ogloférices
João Paulo Parisio 46

A esquina do Laffayette ao Bar Savoy
José Mario Rodrigues 50

Tsunami
Lula Falcão 53

Ave! Nós Prostitutas! Ave!
Manoel Constantino 56

20 Anotações sobre a ponte
Marcellino Freire 58

Todo o azul
Márcia Maia 62

Ossiac
Marcos Alexandre Faber 65

Discurso dos setes sóis de Recife
Marco Polo Guimarães 68

Evocação do Recife nº2
Odailta Alves 75

Letras Iniciais
Pedro Américo de Farias 79

Vielas becos galerias e aterros
Renata Pimentel 81

Fugas
Samarone Lima 85

recife
Socorro Nunes 87

Caritó
Susana Morais 89

Em minha vida passa um rio
Valmir Jordão 91

Baronesas
Weydson Barros Leal 95

De como a cidade nasceu
Wilson Freire 97

Créditos 99

Apresentação
HODIERNA, ODIOSA
(e possivelmente outros perfis randômicos)

Quando visitou o Recife lá pelos idos de 1823, a escritora, pintora e historiadora inglesa Maria Graham ficou encantada com os sobrados do Recife e os seixos vindos do mar que apareciam em relevo nas estreitas calçadas da cidade. Já o seu conterrâneo Charles Darwin, quando forçosamente visitou o Recife em 1832 – ao encerrar sua visita-pesquisa pelas Ilhas Galápagos ventos contrários o empurraram para o litoral pernambucano – achou a cidade horrível e imunda. A coisa foi bem mais interessante para Mário de Andrade, quem em 1929 se jogou no carnaval recifense, acompanhado por Ascenso Ferreira e Cícero Dias. Sobre essa experiência regada a éter e cocaína, Mário classificou-a de "loucura formidável". E o que dizer da definição de Albert Camus, quando, entediado em sua viagem pela América do Sul, em 1949 esteve no Recife e disse que a capital pernambucana era a Florença dos Trópicos? Talvez a cúpula da Basílica da Penha lhe tenha trazido lembranças da majestosa igreja Santa Maria del Fiore (aliás, o projeto da igreja, ali vizinha do Mercado de São José, é de autoria de um italiano, um tal de Frei Francesco).

Recife e suas caras. E suas histórias – algumas perpetuadas dentro de uma História maior, outras já esquecidas ou nunca contadas. Uma cidade anfíbia que às vezes parece caminhar indolente entre o mangue e o asfalto; outras vezes parece revelar-se em mosaicos antropomórficos – ou uma sinhazinha bocejando em alguma janela de Apipucos, ou crianças morenas fazendo das muradas das pontes trampolins para o Capibaribe, ou um vendedor de cuscuz carregando seu asseado tabuleiro de metal.

A capital de Pernambuco ruge e urge. Conectou-se pomposa com o futuro através do seu midiático Polo Digital – mas aprisionou-se em ilusões através de sucessivas administrações que nunca valorizaram, de maneira prática e abrangente, o seu enorme patrimônio histórico e cultural. E a maquiagem de tentar vender a cidade para o turista estrangeiro não esconde suas mazelas mais profundas – nas favelas ribeirinhas as ratazanas roem a possível esperança de dias melhores.

Estes atores, estes cenários, estes roteiros que vão mudando através das décadas, podem servir de mote e entendimento para a mais diversificada coletânea de prosa e poesia sobre ou com o Recife como referência. Reciframes é o filme de todos nós, desses autores maravilhosos que aceitaram a proposta da editora digital Mirada em contribuir para (a impossível) tarefa de apreender um momento de vertigem ou de memória de uma cidade que ainda não tem definição exata no dicionário.

E a claquete bate e rebate, senhoras e senhores. Estamos todos em close-ups, mesmo escolhendo os bastidores como refúgio. De alguma maneira vocês irão se encontrar numa frase ou numa imagem do Reciframes. Esse fluxo intenso que move a metrópole e seu fragilíssimo destino à beira-mar. E nós, artistas/escritores rebeldes/aventureiros navegando contra a corrente. Nosso mapa tem como destino a liberdade. Ainda. Ou sempre.

Raimundo de Moraes

Recife, setembro de 2020

Três rapazes e um quarto[1]

Bebeto era bonitinho e bem safadinho. Acabou se enrabichando com Chico. Com sua aparência inocente, ninguém o imaginaria capaz de tramar golpes, embora, pelo histórico dele, nada fosse assim tão surpreendente. Desde os 15 anos, ele vivia com uma mulher bem mais velha com quem tinha uma filha de um ano e poucos meses. A tal mulher tinha outra filha do marido anterior, dois anos mais velha que Bebeto. O pai dele era ex-presidiário, dois primos eram traficantes de drogas, e o cunhado um famoso traficante de Santo Amaro, que estava preso no Aníbal Bruno. E ele mesmo era avião entre as barracas da praia. Na cama, segundo Chico, era o melhor amante que se podia desejar, capaz de realizar todas as fantasias imagináveis. Taras, perversões, o que fosse pedido ele fazia com gosto e vontade. Durante quase um mês, o mundo não existiu para Chico e eu mal conseguia vê-lo. Naquele momento, desempregado, ele ficava dias seguidos com o moço fumando maconha e transando. O idílio acabou quando, num vacilo, Chico deixou a carteira fora de sua vista e o rapaz surrupiou seu cartão de crédito. Bebeto tentou extorquir dinheiro de Chico com mensagens e ligações ameaçadoras pelo celular. Chico cancelou o cartão e Bebeto sumiu.

O episódio deixou Chico bem nervoso, mas, juntos, chegamos a um diagnóstico certeiro e inevitável diante dos dois homens que nos faziam perder a cabeça, mas que podia muito bem ser extensivo a muitos outros: os cabras mais despudorados e sem vergonhas na cama podiam, ao mesmo tempo, serem os mais escrotos fora dela. E a nossa indagação constante era por que, apesar de todos estes golpes desferidos, continuávamos atraídos por eles, sentindo arrepios quando víamos um rapaz, de corpo atraente e de sorriso malicioso nos convidando para transar? Sabíamos que eles tinham "ficantes" fixas e avulsas, alguns já tinham filhos, eram mentirosos, estavam interessados em nosso dinheiro e, mesmo assim, nos jogávamos em seus braços e por vezes literalmente a seus pés. Só podia ser por conta de algum processo kármico. E no Recife livrar-se de tal karma não era fácil.

O argentino Túlio Carella, nos seus diários, já desvelara como era o universo homoerótico das ruas do Recife no início dos anos 60, com os homens encoxando uns aos outros nas marquises, enquanto esperavam a chuva passar, no roça-roça das rodas que se formavam em torno dos cantadores e ambulantes, nas punhetas a dois nos cantos escuros por trás das igrejas e dos casarões, nas felações mútuas entre as árvores das praças, e todos com disposição permanente para prolongarem o chamego com uma brincadeira na cama. Mais de meio século se passara e o Recife continuava o mesmo,

---

1 Trecho do romance *Três rapazes e um quarto*, no prelo

respirando sexo pelas margens do rio e nos becos estreitos do centro da cidade e dos subúrbios. Nos botecos, nas calçadas apinhadas de camelôs, nos parques, no cais da Rua da Aurora, na praia e nos banheiros públicos sempre havia maricas e bofes sedentos por uma cópula rápida. Mudaram os personagens, mas o frege era o de sempre. Os mulatos descalços do passado, oferecendo amor em troca de um trocado para comer ou para a passagem do ônibus, se transformaram em garotões calçando tênis, com brincos na orelha, correntes de aço no pescoço, corpos tatuados, sobrancelhas feitas e cabelos descoloridos cortados em estilo moicano, oferecendo sexo em troca de créditos para os celulares, gasolina para as motocicletas e dinheiro para levar as piriguetes no espelhado.

A piada contada numa cena do filme *A Febre do Rato* ilustrava bem, para mim, esta vocação da cidade. Um homem morreu e foi encontrar São Pedro, no caminho viu um lugar animado com muita cachaça, todo mundo se agarrando, era homem com mulher, homem com homem, mulher com mulher e pensou: "ali deve ser o inferno". São Pedro o recebeu e o mandou para o céu. Chegando lá, o homem não gostou, achou tudo muito parado e sem graça. Voltou a São Pedro e pediu para sair do céu, disse que preferia ir para o inferno. São Pedro então o despachou para lá. Alegre, o homem partiu e chegou ao local onde estava indicado ser o inferno. Achou o lugar também meio devagar e perguntou para um cara que passou por ele: "Ei moço isto aqui é o inferno?". O homem respondeu afirmativamente. Sem acreditar, perguntou outra vez: "e aquele lugar onde todo mundo beija todo mundo, as pessoas fodem sem parar e é a maior gréa, que lugar é aquele?" O outro respondeu: "Ah meu filho não é aqui não, esse lugar é mais embaixo, é o Recife".

Alexandre Figueirôa é jornalista, pesquisador do audiovisual e cineasta. É editor da revista on-line *O Grito!*, professor da Unicap e realizador dos documentários *Eternamente Elza*, *Kibe Lanches* e *Piu Piu*.

Evocações de um Recife ou A vida é um sopro

O mundo aí de cabeça para baixo e eu angustiado em casa. Era domingo cedinho, final de junho, saí de carro pelo Recife. Naquela hora, trânsito zero e a chance de rever coisas queridas: árvores, casas, resíduos superpostos de décadas, senão séculos, relevantes. Então, você pergunta: uma volta na cidade? Exatamente! Continuo curtindo insistentemente as ruas daqui, mesmo sabendo que já são outras faz tempo. Como não tinha roteiro, nem me preocupei para onde, até porque não passaria de Santo Antonio ou Boa Vista, no máximo São José.

De cara, era loja fechada, posto desativado, cartazes de venda ou aluga-se, para minha surpresa, um estacionamento onde havia dois ou três sobrados anteriormente. É o caso das Fronteiras, rua que morei durante anos. A Chora Menino fez jus ao nome, abandonada como muitas praças. Lembram dos fardamentos do Salesiano, Israelita e Nossa Senhora do Carmo perambulando por ali? Pois bem, foi só o que me veio. A algazarra dos estudantes, a Frisabor, o cachorro quente de Barroada. As imediações traziam em mim ruídos do vivido, nada além. Nos idos de 70, muitos no Recife frequentavam o centro por razões diversas: estudo, comércio e cinema. Embora não acreditasse tanto, fez sentido pensar que tudo era possível.

Inclusive, se vivos, Mário Melo, Antônio Maria e Capiba ficariam igualmente impressionados com o cenário. Vazios, aqui e acolá um perdido, andando de máscara, moradores de rua em andrajos. Muito entre nós, o papo de fantasma caía melhor nos contos de Oscar Wilde, mas neste dia comecei a duvidar a cada esquina do percurso, pois sendo a história brasileira repleta em demolições, o que era mesmo para desopilar, foi me dando um estranhamento aos poucos, seguido da impressão que a cidade desaparecia a olhos vistos. E mais, devagar, minha memória projetada dava lugar a uma realidade bastante diversa.

Teimosamente, continuei. O reencontro com o Patio de Santa Cruz foi mágico, dizem ter dado nome ao time de futebol, também a igreja, o casario ao redor, a sede da Associação dos Ex-Combatentes, cenários de filmes, como o itinerário dos Amantes de Glória e Nem Sempre Lili TOCA A FLAUTA. Admirável rua Velha e suas transversais, durante um tempo, um caminho meu quase diário. Com rapidez, dobrei à esquerda na Alegria, logicamente a padaria, onde, inesquecíveis, permanecem até hoje o pão de ló e o pastel de Belém. As torradinhas amanteigadas, nem comento de tão boas. À direita, a Leão Coroado e em sua esquina adiante, a Glória, uma rua especial para mim. Sobre ela, escrevi um

CAMOR

poema, em homenagem ao meu pai, mas dedicado a uma pessoa estimada, Gilda, filha dos médicos Miriam e Salomão Kelner, estes dois, não tive a sorte de conhecê-los, infelizmente. Lendo o livro escrito por ela sobre seu pai, cirurgião e professor da universidade, uma oportunidade de ver um Recife de antes, a geração de Pelópidas Silveira e outros, certamente com menos carros, edifícios e a confusão atual.

Passei pela FDR, onde estudei, e nela os estimados Glaucio Veiga e Bernardette Pedrosa. Quantas horas na Livro 7, Disco de Ouro, eventualmente na Alegro Cantante, especializada em LPs de Jazz. A ponte, o teatro, a praça. De lá, não tardei para estar na Imperador – o dourado na igreja, o convento, o GPL, o antigo JC e o restaurante Dom Pedro. Sucessivamente, a Praia, o Mercado de ferro e as demais ruelas de São José. Entre receoso e comovido, sem dúvida muita beleza escondida, detalhes mal conservados. Achei conveniente voltar naquela hora e logo uma fala de Niemeyer à mente, dizendo que a vida era um sopro, rápida demais e tudo parecendo ontem.

Diante disso, fui reduzindo a velocidade na Ilha do Recife, já com a janela aberta para sentir a brisa do mar, o Marco Zero e toda aquela ideia de começo urbano que o lugar nos sugere enquanto imaginário, pois se pararmos, direitinho, não há começos nem fins exatos, aliás, onde começa e termina o Recife em você mesmo? Até hoje não sei, sinceramente. Pura verdade, a do Niemeyer, é um sopro, um sopro de vida, aos moldes de Clarice.

Ao chegar em casa, muitas reticências e a certeza que deixarei tudo isso, não sei quando. Outra verdade: este vírus, cego às estruturas da civilização que construímos, nos põe a pensar em nossa fragilidade. Cristão, budista, judeu, árabe, espírita, ateu, enfim, a todos atinge indistintamente e isto nos faz pensar na própria vida, ou melhor qual vida queremos? Além de incerta e misteriosa, esta suspensão nos torna conscientes da efemeridade. Acho que o russo Alexander Soljenitsin – Nobel de Literatura, disse que a razão pela qual os piores personagens de Shakespeare não metiam mais medo era pela consciência, que sempre ajustava contas no final. A minha agora interroga: a que ou a quem serve este vírus? Complicado admitir que nada sabemos, se é que em algum momento soubemos mesmo.

Por isso, não a Veneza Americana, não a Mauritsstad, também a rua da União, já entregue, nem a casa de meu avô que hoje é um edifício garagem. Mais além dos cinemas do centro, do projeto Seis e meia, da Sloper, do Nóbrega, Marista e Cultura Inglesa da Progresso, há registros geracionais cujas perdas talvez sejam irreparáveis à memória coletiva. É tão somente a ideia de que tudo isso pode, deve ou saia, para cada um, no dia em que fechar os olhos, assim, derepentemente. E eu achando que Bento Teixeira seria o primeiro, que Bandeira, mestre dos mestres, evocaria melhor do que qualquer um a imagem do Recife ou Luzilá, querida amiga, esfolhando o corpo amado, ainda, os poetas Erickson

Luna, Lucila Noqueira, Francisco Espinhara, o genial Miró. Na verdade, são todos de muita grandeza, sem dúvida, mas o Recife não é deles apenas, nem é meu, nem seu, é de todo mundo e de ninguém ao mesmo tempo, é dos artistas, dos camelôs, dos transeuntes, dos rios e seus cães sem plumas, seria uma invenção?

Não esperei ajustar a minha consciência, nem sempre fácil, neste domingo. O plano era simples, respirar, rever coisas, esquecer um pouco da peste que nos ameaça, como se pudesse Camus por uns minutos. Em vez, sigo humildemente as lições de Baudelaire e Walter Benjamim, flanando devagar, até quando, pois o mundo de cabeça para baixo anuncia crônicas e outras mortes, infelizmente. Eu, vivo e bulindo, sigo curtindo ao meu modo, e rapidamente, as ruas daqui.

Alexandre Furtado é crítico, escritor e professor de Literatura da UPE Mata Norte. Pela CEPE, publicou o livro de poesia *De ruas e inti-nerários* e o livro de contos *Os mortos não comem açúcar*, pela Confraria do Vento.

Chora Menino

Marcelo chegou antes da hora e preferiu esperar num banco da praça. A localização era boa, mas a casa não valia nada. Esquecida entre o calor e as buzinas, tinha as paredes descascadas e sujas de fuligem. As janelas observavam a cidade com olhos de vidro quebrados. Um amigo tinha sugerido uma reforma para alugar. Marcelo não quis. Torneira velha continua a pingar mesmo fechada. Melhor derrubar e construir um residencial de luxo com elevador panorâmico.

Um burburinho de office boys, bancários e flanelinhas atraiu a atenção de Marcelo para um canteiro de grama rala. Um rapaz vestido de jogador fazia embaixadas. Depois aparou a bola na coxa e com um resvalo do pé a fez girar sobre o eixo como o globo terrestre, subindo bem alto até despencar ao arrimo da nuca. O chapéu no chão recebeu a moeda de uma senhora e a cédula do rapaz engravatado. Um garoto soltou-se da mãe e correu na direção do jogador com a esperança de receber um passe; foi encoberto por um leve toque de calcanhar. Maravilhado, deu meia volta para outra tentativa e viu a bola passar de novo sobre a cabeça. O choro foi inevitável.

Quando as luzes do dia começavam a pedir ajuda aos postes, o rapaz da construtora avisou por mensagem que atrasaria devido a um engarrafamento. Marcelo soltou um palavrão, deixou o jogador com seus malabarismos para trás e atravessou a rua na direção do imóvel. Duas portas em forma de arco se comunicavam através de um curto terraço. Era ali, encostado à coluna, que ele criança contava até trinta e um e começava a busca nas brincadeiras de esconde-esconde. No primeiro andar, pulava os janelões para chegar à varanda e subir ao telhado, de onde descia agarrado à coluna até o chão. Sempre com os amigos da vizinhança. Por onde andariam? Ninguém mais morava por ali, só havia repartições, farmácias, padarias e restaurantes.

Foi difícil abrir o cadeado do portão alaranjado de ferrugem. E a porta principal só abriu na quinta chave. O hall de entrada conduzia a uma sala onde se interligavam os aposentos do térreo. Cristaleira, mesa de jantar, aparador e sofá, tudo coberto de pó. Na cozinha ainda o fogão, as gavetas, algumas toalhas de mesa. O branco da parede virara cinza. Encontrou pá, garfo e ancinho que o pai usava para cuidar do jardim. A delicadeza paterna com as plantas dissolvia-se na realidade das respostas ríspidas e a testa encrespada. Uma árvore de folhas secas. Nem isso mais havia. Agora tudo era mato.

Da sala, uma escadaria levava aos quartos do primeiro andar. Ambientes sem cor, cama sem colchão, penteadeira quebrada, criado-mudo atolado em pó. Ao sair do quarto, percebeu um velho sentado numa cadeira de balanço. Não o tinha visto antes, nem mes-

mo a cadeira. Era grisalho, rosto enrugado e olhos fundos, devia ter sido empregado do pai e lhe deram um serviço de vigia para não ficar encostado.

– Que susto. O senhor trabalha aqui?

O velho não respondeu. Não devia saber que ele era o filho.

– Sou o herdeiro de Doutor Jorge. Não vou mais precisar do seu serviço. Me procure amanhã no escritório pra gente acertar as contas.

Marcelo deu as costas e desceu a escada devagar. Quando chegou à sala, sentiu um sopro quente na nuca. Ao virar, viu os móveis erguidos, girando sincronizados num estranho balé. A mesa dançou perto de sua cabeça a ponto de uma quina triscar a testa. A cristaleira veio rolando no chão feito jangada lançada ao mar. Uma cadeira deu cambalhotas e caiu sobre o seu pé. As paredes começaram a estufar como se tivessem absorvido suores e lágrimas de todos os tempos; cresciam e diminuíam, se aproximavam e se afastavam. A casa ganhara vida, tinha nervos expostos e alterados. O teto começou a cair e abriu a visão do céu estrelado, mas era o céu que despencava trazendo o anoitecer. Ouviu um estrondo e o rebuliço de águas revoltas. Foi o precipitar da fúria, o anúncio da onda gigante que destruiria a casa, o dilúvio bíblico a encobrir a cidade. Restariam apenas os arranha-céus. Correu para o quintal, tropeçou na calçada, levantou-se em desespero e atravessou a rua engarrafada em direção à praça sem prestar atenção nas motos que passavam entre os carros.

O rapaz da construtora chegou pouco depois maldizendo o trânsito. Automóveis reduziam a velocidade para tentar entender por que se aglomeravam. Ainda assistiam ao homem que domava a bola, agora com o menino sentado nos ombros sorrindo por cima do povo. Era tanto barulho que não perceberam o atropelamento.

André Balaio (Recife/PE) é escritor e roteirista de quadrinhos e cinema. Adaptou o livro "Assombrações do Recife Velho" de Gilberto Freyre para quadrinhos em publicação da Global Editora de 2017. Tem contos e textos publicados em diversas coletâneas. Foi vencedor do prêmio literário internacional Off Flip 2016 com o conto "O lado de lá". Seu livro "Quebranto" foi finalista dos prêmios nacionais SESC e CEPE em 2017 e terceiro colocado no concurso da UBE – RJ 2017. Quebranto foi publicado pela Editora Patuá em 2018 e venceu o Prêmio Vânia Souto Carvalho da Academia Pernambucana de Letras como melhor obra de ficção do ano. Atualmente tem projetos em andamento de um romance, um novo livro de contos e uma *graphic novel*.

Agite antes de usar

Não olhe, espere, agora sim. Pronto, é aquele ali que acabou de entrar. Aquele, dentro do xadrez azul da camisa, parado na frente da porta. Esse. É a cara do cara do mês passado, lembra?, o que conheci na balada. Estou passada, não é um deus?

Segura na mão de deus,

segura na mão de deus.

Segura na mão de deus e vai.

Entrei no corredor do metrô e ouvi a ladainha. Tinha que ser em Coqueiral, né? Posso nem dizer que o sujeito tinha voz, uma vez que ninguém prestava atenção; apenas eu. A miséria ele expunha em um papel amassado, roto, exibido a todos. Pessoas passavam. Corredor de metrô costuma ter pressa, você sabe, todos vão e vêm, buscando poupar tempo. Mesmo à noite. O tempo é matéria valiosa e o papel amassado, preenchido por linhas sem prumo, um possível bilhete do próprio deus pedindo socorro, não era apelo suficiente para parar quem quer que fosse. Eu, menos ainda. Segui arrastando a voz do pedinte dentro do juízo.

Segura, na mão de deus, fui. Duvidando muito que ele desejasse me conduzir. Uma boate chamada Inferno não me parecia destino adequado à condução divina. Justiça seja feita, Divina era meu sobrenome dentro da calça de couro justíssima; e eu, mais que disposição, tinha mesmo era determinação de abalar. Não se cola coração quebrado com álcool, ouvi na saída de casa, E quem falou que quero colar qualquer coisa, amiga? Eu vou é quebrar tudo. Me abalei porta afora porque em noite de balada conheço meu destino, não necessito de guia, só dos paralelepípedos da rua a seguir.

Olha lá, ele está olhando pra cá, amiga, eu bem devia ter me arrumado melhor, saí apressada, nem pra reforçar o lápis no canto do olho. Gosto assim, só no cantinho, uma linha forte.

Se soubesse dessa aparição logo cedo. A verdade é que a gente nunca sabe e deve estar preparada para tudo. Minha nossa senhora do kajal preto, fortalecei a sedução do meu olhar. Sorrir? Não posso, amargo o buraco do pivô quebrado e ainda não reposto. É, eu sei,

falando não se percebe, mas sorriso alarga fronteiras e a ausência do dente diz: aqui estou. Vou fazer biquinho, vai seguindo.

Vou confessar que eu não estava preparada para meu destino nessa história. Sabe quando você planeja coisas e se esquece de combinar com o resto do mundo? No caminho, um bêbado cruzou meu rumo apalpando as paredes: segura na mão de deus e vai, quis dizer pra ele e o pensamento me fez rir por dentro e aí já não quis dividir minha graça, guardando meu melhor sorriso para seduzir, roubar alguém de outro alguém. Dilapidar o patrimônio do compromisso alheio. Em resumo, eu precisava roubar o boy magia de quem quer que fosse. Meu pivô, àquela época, ainda dava o ar da graça nas gengivas e a intenção era fazer uso do sorriso cheio de dentes para quebrar outro relacionamento, feito átomo fissurado que só age e reage em cadeia. Eu era uma bomba nuclear pronta para detonar geral. Minha vingança se dirigia à vida; o bofe entra na vida da gente, mulher, rouba o sossego, vicia nosso corpo no suor do corpo dele e semanas depois some levando o dinheiro do aluguel, um ventilador velho e o cordãozinho de ouro com o olho grego, comprado pra afastar mau olhado. Viciado é uma miséria, amiga, sumiu, me deixou com um buraco aberto no meio do peito e o desejo de vingança. Sabe como é coração traído: quer sangue pra espalhar pelas veias.

Estou me traindo, né? Insistindo em olhar? Tudo bem, ele está gostando, manja o jeito como está segurando a barra; cheio de músculos a exibir. Se ainda estiver na porta, deixo um papelzinho com meu número nas mãos dele quando eu sair. Vou deixar nas mãos do destino, mas que o boyzinho é meu número, ah, isso é. Gosto de homem com atitude. Reparou como ele chegou largo e tomou posse da porta? Pronto para defender o território recém-conquistado, o tipo de homem que gosta de chegar na frente. Adoro. Topo da cadeia alimentar.

Escuta, cheguei à boate e fiquei banzando, radar ativado, procurando vítimas. Filmando a paisagem das gentes, estudando as portas do Inferno, uma delas abriria caminho para um dark room. Existe lugar melhor para pegar um gato do que no escuro? Nem precisava responder quem é que ia comer a língua de quem. Umedeci devagar os lábios e preparei o bote, fui pra pista. Dançar, quando rói a alma, é o melhor remédio para o corpo: agite antes de usar. Detectei um casal que se pegava com cumplicidade suficiente para ser, de fato, um casal. Alianças nas mãos me fizeram martelar: #partiucasamentinho. Cravei minha sedução no sujeito porque, além de tudo, ele era lin-do, do além. A cara desse aí. Olhe de novo, não falei? Meu deus. Não é que ele retribuiu? Esperei. Ele e a mulher não nasceram colados, uma hora ele ficaria sozinho; peguei antipatia imediata por ela, óbvio, etiquetei em sua testa o papel de rival. Foi só ter paciência, não disse? Encontramos rapidinho o caminho para o dark room, vai ver o bofe era assíduo do lugar, sei lá. Sobre almofadas livrei

da camisa o tanquinho dele e iniciamos o corpo-a-corpo. Ai ai ai, meu pai do capeta. E aí o inusitado esticou mãos delicadas e firmes sobre meus planos, outro par de mãos se uniu às dele na ocupação da minha pele, o calor de um novo corpo se colou as minhas costas. O susto demorou nada e virou grata surpresa, quem quer que fosse sabia o que estava fazendo. Deixei rolar. O mistériou durou pouquinho, ela me sussurou ao ouvido: Dois é bom, mas três pode ser demais. Essa noite tem tudo para ser longa e quente, em nossa casa, se você quiser. Corri os olhos dele para ela, não é que a mulher arrancou o rótulo e se mostrou a surpresa delicinha da noite? Ele me oferecia a mão, meu deus. Vamos? Segurei e fui.

Fui, amiga. Detalhes, só na música do rei podem ser confessados, abafa, desço na próxima. Lógico que esse papelzinho eu vou entregar àquele outro deus que por sorte continua na saída do vagão, amanhã eu lhe conto se ele ligou. Solto os cabelos? Tem razão, esse meu novo aplique é mesmo um luxo, depois lhe passo o contato da mona que está fazendo meu cabelo. Agora vou, você sabe, Afogados é a minha estação.

Adrienne Myrtes nasceu no Recife/Pernambuco e vive em São Paulo desde 2001. É artista plástica e escritora. Participou de algumas antologias, destacando: *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*, (Ateliê Editorial, 2004), *35 Segredos para Chegar Lugar Nenhum*, (Bertrand Brasil, 2007) e *Assim você me mata* (Terracota Editora, 2012). Publicou: *A Mulher e o Cavalo e Outros Contos* (Alaúde e eraOdito, 2006), o romance *Eis o Mundo de Fora* (Ateliê Editorial, 2011) cujo projeto recebeu o Prêmio Petrobras Cultural 2008/2009, a novela *Uma história de amor para Maria Tereza e Guilherme* (Terracota Editora, 2013) e *Mauricéa* (Edith, 2018), finalista do Prêmio Jabuti, 2019.

Recife subjetivo amor

Abra a sua mão e leia: é igual à geografia do Recife. O mapa de uma cidade cortada por rios, que nessa analogia seriam as linhas da vida, do destino e do coração; os montes da palma representam os morros de onde se avistam horizontes bonitos; e os pontos rebaixados são os traçados das ruas planas, artérias urbanas ocupadas por um povo de fé, alegria e luta. Mire-se na arte de ler a mão: o Recife é assim, ao mesmo tempo real e misterioso, para o gosto racional e intuitivo, com belezas e sinuosidades.

Recife está na sua mão. Na linha da vida é possível ver o futuro se você for capaz de desvendar as mensagens que esta cidade lhe apresenta em seus elementos artísticos e culturais. É nesse oráculo que se pode decifrar os traços da personalidade desta Terra às vezes fértil e boa, às vezes cruel e insana, mas sempre sedutora. Na linha do coração, como é de supor, ela nos envolve amorosamente com suas histórias e tradições, porque nos sentimos representados nessas manifestações.

O perigo é quando as linhas da mão do leitor se misturam às do destino da cigana. Se isso ocorrer, você amará esta cidade para sempre. Recife, cidade amada, é vida, coração e destino. Que a gente aprende a gostar através de sua gastronomia diversificada e criativa. (Quem não ama tapioca, uma peixada com pirão, caldinho de marisco, arrumadinho de carne de sol?). Recife da música alegre que lhe reflete e, ao mesmo tempo, nos espelha. (Quem é que não quer fazer o passo improvisado, achando-se o máximo, como se todo pernambucano já nascesse sabendo dançar frevo e maracatu?) .

Recife dos contrastes líquidos: das águas doces dos seus rios fotogênicos; e salgadas, de um mar nem sempre esmeralda nem sempre turquesa. Banhada pelo Atlântico, oceano que, quando toca a areia, vira cidade, é aqui onde velhos sonhos morrem e outras ilusões principiam. (Quem é que não deseja colocar os pés nas águas de Boa Viagem, do Pina, e da comunidade Brasília, essa que tem a teimosia do teu povo?). Como ia dizendo, nessas areias onde as ondas morrem, a cidade se inaugura e se estende para ocupar mangues, terras de ninguém, vastidão do sem fim.

Nas entranhas dessa geografia, há morros que lhe circundam. São, nessa quiromântica viagem, equivalentes aos montes. Nas mãos há o de Vênus, de Júpiter, de Saturno, do Sol. Recife já é Vênus pelo que há de sensualidade; Júpiter, pela força que vem dessa gente morena; Saturno, pelo que há de árida e imutável; Sol, pela luminosidade. Terra da claridade.

Recife, para você bem olhar, e descobrir as cores e formas de sua arquitetura. Expressivos exemplares neoclássicos e ecléticos se revezam no cenário que comprova intensa atividade histórica de portugueses, franceses, ingleses e holandeses que aqui coabitaram. Talvez tenha sido pela reunião de tanta gente que o poeta, entusiasmado, falou: "Eu vi o mundo, ele começa no Recife".

No meu caso pessoal, forasteiro, ainda que pernambucano, falo por mim: fui impactado pela beleza desde o primeiro instante, Recife dos casarões, dos monumentos, das pontes românticas, das igrejas carregadas de antiguidade; dos mercados com cheiros de peixe e de gente; da história aristocrática, mas também da outra, genuína e forte, construída pelo povão "que não tem medo de fumaça e que não se entrega".

Nas linhas que trazem o passado você conseguirá notar, na mão magra do Recife, segredos curiosos e profundos; lendas de assombração que nos emparedam. Poucas cidades seduzem tanto, nas histórias sobrenaturais, onde o folclórico e o erudito se encontram. Mas, não é preciso ser um oraculista experiente para entendê-la. As suas história e cultura nos justificam. Talvez a cidade exija de você um pouco de poesia e mistério.

Há um poeta em cada esquina. Há um artista em cada rua. Há sempre a alquimia de uma noite morna à espera do seu boêmio. As ruas do Recife vivem em estado de poesia e quem percorrê-las poderá pensar que um poeta as nominou. Quer um exemplo? De um lado está a Rua do Sol. Do outro, a Aurora. O Rio Capibaribe, a separá-las, num flagrante excesso de charme. Rua das Ninfas, das Flores, do Progresso, da Saudade, das Moças, da Soledade. Rua da Madre de Deus.

Cidade de santos e santas. Antônio, Sagrado Coração, Carmo, José, Conceição, João, Xangô, Iemanjá, Pedro, Oxum. É necessário ter a sensibilidade de alguém espiritualizado caso você queira saber com precisão e detalhes sobre a religiosidade deste povo. Tradicionalmente católico e nagô; evangélico e juremeiro; ateu, espírita, judeu e de tantos outros credos. Quem aqui chegou pôde se impor com o seu jeito de ser e de pedir a proteção divina.

Aqui vive um povo que reza e pula carnaval. (Quem é que não anseia pular no carnaval mais democrático do mundo? Quem nunca saiu atrás do Galo?). Recife religiosa e profana, de procissões e folias. As pessoas que trabalham de sol a sol são as mesmas que dão feriado por causa da alegria. Terra feita de música, ritmo e dança. As pessoas que confeccionam fantasias para a festa de Momo são as mesmas que seguem procissão, que oram e dizem axé.

Quem se esbalda na tua folia, tem igual talento para pensar. É a linha da Cabeça, representação de poder e raciocínio, Terra de intelectuais e grandes poetas. Nabuco, Freyre, Cardoso, Bandeira. De Clarice. Linha também de uma sociedade cheia de princípios e va-

lores. Às vezes conservadora demais, às vezes enlouquecida. Cidade da diversidade reprimida e dos conservadores que adoçam o paladar com o ranço da cana-de-açúcar.

Mas, apesar dos pesares, a sua diversidade é quem tem faz mais bonita. Recife, cidade dos avessos dos sonhos. Do movimento cultural. E da cultura pisoteada. Da literatura, e da política. Do cinema e das artes plásticas. E da falta de apoio para seus artistas.

Hoje, eu te conheço, mas custou-me ver o meu rosto no espelho dos teus rios. Estar no Recife, só sabe quem é do interior e vem morar na Capital, é como caminhar dentro de um cartão postal. Hoje, abro minha mão e leio: nas linhas de minhas mãos eu vejo o Recife. As linhas da minha vida e do meu destino se misturam aos traçados da cidade.

Abra a palma de sua mão e veja: apesar da aparente concretude, tudo do Recife é subjetivo. Como são as emoções e as vivências de quem a ocupa.

Cícero Belmar é escritor e jornalista. Autor de contos, crônicas, romances, biografias, peças de teatro e livros para crianças e jovens. Ganhou duas vezes o Prêmio Literário Lucilo Varejão, da Fundação de Cultura da Prefeitura do Recife; e outras duas vezes o Prêmio de Ficção da Academia Pernambucana de Letras. Desde 2017, ele ocupa a cadeira de número 33 da Academia Pernambucana de Letras.

geração

vivíamos no intestino do recife
e o capibaribe
era um prato de sonhos
onde digeríamos versos

vai longe o tempo
em que fuzis e baionetas
poderiam ser canto
enternecido e libre

geração ácida
que diluía a alma em álcool
e fazia da redoma o copo

com certeza senhores
vai longe muito longe o tempo
em que tiramos o papel do limbo
e cravamos o punhal no branco

Cida Pedrosa é advogada, escritora, feminista, ambientalista e militante dos direitos humanos. Publicou, entre outros, *As filhas de Lilith*, *Gume* e *Solo para vialejo.*

Carta para Papai Noel

Oi, você já deve tá cansado de ouvir isso, mas gostaria de começar essa carta dizendo que todo mundo fala que você não existe. Ô povo invejoso! Eu sei que você existe. Eu já vi e tudo. Só não acredito que você viaja de renas. Aí já é demais pro meu coração. Todo ano eu espero você chegar. Me arrumo inteirinha pra você. Passo lavanda pelo corpo e até coloco a roupa do Ano Novo para te encontrar. Eu não ligo que você é gordo, não tenho preconceito. Acho um charme! Você deve gostar de cerveja, né? Meu ex-marido também tem um buchinho assim, mas ele não tem essa barba branca bonita. Fico imaginando a gente tomando café com pão aqui no barraco na noite de Natal. O gorrinho em cima da tevê, as botas no tapete da sala. Acho linda sua roupa vermelha, ensacada, de mangas compridas, mesmo com esse calor infernal aqui do Recife. Quando chega dezembro, eu corto uma parte do barraco e faço uma enorme janela pra entrar vento, porque se um dia você aceitar o pedido de passar o Natal aqui comigo não vai sentir calor. É verdade que esse ano você não vem? Fiquei muito triste com a notícia, é só o que se comenta aqui na comunidade. Fui tirar a prova dos nove porque não sei viver na dúvida. A moça do shopping confirmou que você não vem este ano. Como pode uma coisa dessas? Todo ano você vem. O que vou dizer para os meus filhos? A gente se prepara o ano todinho pra ver você chegando no helicóptero e agora você não vem? Você já trouxe brinquedos, comida pra gente. E este ano como vai ser? Se for desse jeito, vou ter que me contentar em levar os meninos pra olhar sua foto colada nas lojas do shopping.

Um beijo, Quitéria.

Cleyton Cabral é escritor, dramaturgo, ator e publicitário. Publicou os livros *Tempo nublado no céu da boca*, *O menino da gaiola*, *Planta baixa* e as coletâneas *Mosaico* e *Escrever ficção não é bicho-papão*. Entre outros prêmios, conquistou três no Prêmio Ariano Suassuna de Dramaturgia (2016, 2018 e 2019).

@cleytoncabral

Anjinho negro no céu do Recife

Na tarde de 2 de junho de 2020, aconteceu o imprevisível: um anjinho negro sobrevoou o Recife.

A cidade é dada a casos bizarros. Três séculos atrás, um boi voador fez história num espetáculo montado por Maurício de Nassau. A peripécia ainda desperta a imaginação. Valeu marchinha de Chico Buarque. E é bem possível ter sido referência à criação do Galo da Madrugada.

Mas de anjinho negro pelos céus da cidade, ainda não se tinha notícia.

Pois naquela terça, um deles alçou voo de um dos prédios da apelidada *Torres Gêmeas*.

Antes de virar anjo, era uma criança de cinco anos. Miguel. Homônimo do arcanjo exterminador do dragão da maldade. Filho de mãe doméstica. Negra, como quase todas as domésticas. Ela, por ter saído para acompanhar o cão da patroa, não pôde assistir ao filho em metamorfose.

Era de se esperar que Miguel, depois de se transformar em anjo, zarpasse rumo ao mar aberto em frente ao edifício. Em vez disso, ele resolveu planar do lado oposto, pelo velho bairro de São José. Foi visto driblando nuvens, edifícios, coqueiros, em plena pandemia.

Em se tratando de um anjinho negro, alguns passantes logo pensaram em mau agouro. Uma mensagem capaz de perturbar até evangélicos versados na Bíblia, cujas passagens muitas vezes evocam emissários celestes. Mesmo um pregador negro dificilmente imagina um anjo que não seja branco, cabeleira alourada, olhos azuis, vestes alvas. Afinal, o Cristo que conhecem também é assim, contradizendo a origem semita e morena. Num lugar onde o vírus do racismo é tão insidioso quanto o *corona*, a negrura do anjinho parecia mais intrigante do que seu passeio aéreo pelos arredores do Cais de Santa Rita.

Outro fato curioso é que sobrevoou muito tempo acima de uma área precisa. Foi tanto tempo que o dono de uma barraca vizinha ao mercado público de Santa Rita, perguntou a um colega:

- Que diabo ele anda procurando por aqui ?

O parceiro, beirando os setenta, logo sugeriu:

- Se botar o prumo, é capaz de ser o lugar da igreja que demoliram uns anos atrás! A chamada dos pretos e pardos!

É que ninguém lembra mais o nome completo: Igreja da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios dos Homens de Cor. Não uma igreja qualquer: a única do país a ter sido construída exclusivamente por escravos.

O homem do mercado tinha razão. De suas alturas, o anjinho negro observava o espectro de sua igreja. Sua sombra.

Era o ano de 1973. O general Garrastazu Médici, 'presidente'. Na sanha 'modernizadora' dos chamados anos de chumbo, a igreja foi demolida a golpe de buldôzer, o tanque de guerra da especulação imobiliária. Seu campanário, degolado e arrastado por cabos de aço. Parecido com o que fizeram com o corpo do jovem Stuart Angel, também arrastado por um veículo militar, sua boca colocada no cano de escape. Assassinado num quartel do Rio de Janeiro, 14 de junho de 1971.

Em tempos como aquele, maus tratos não foram impingidos apenas contra os homens. Também praticaram sacrifício urbanístico. Tanto no corpo humano quanto no das cidades, as torturas deixam seus estigmas. Assim foi com a igreja, convertida numa avenida cicatriz nos costados do Recife.

Entre os defensores da cidade, o arquiteto José Luiz da Mota Menezes, na linha de frente. Denunciou o arraso do patrimônio histórico para rasgo de um traçado levando do nada ao nada. Ele e uns poucos tentaram sustar o massacre, num embate que o historiador Denis Bernardes chamaria *A batalha dos Martírios*. Do outro lado da trincheira, a operação contou com personagens envolvidas com o poder de então. Entre elas, o autor de *Casa grande e senzala*.

O solene mutismo da Academia foi defenestrado por um texto literário: o poema de Mauro Mota, *Igreja dos Martírios ou Jesus na Avenida*. No seu arremate lírico, os versos rezam que naquele chão ainda permanecem "a Igreja, os querubins, a música dos sinos, os defuntos, 200 anos de procissão na 6ª. feira da Quaresma". A poesia. Sempre.

Mas,

- Que diabo o anjinho negro andava buscando sobre a sombra da igreja devastada?

Talvez estivesse à cata de outros anjinhos como ele, moradores do antigo santuário.

Como era um anjo menino, desconhecia que há épocas em que poderosos precisam preencher com cimento e cal o vazio do pensamento. Fosse um anjo adulto teria percebido, com seu olhar de *drone*, as marcas que a proliferação das relações subalternas entre políticos e homens de negócios – donos de empreiteiras, empresas de transportes e outras atividades atreladas à máquina pública – haviam deixado de herança. Ele ainda não sabia que a cidade, antes chamada de Veneza Americana, era tão apreciada por quantos desembarcaram naquele cais ali pertinho, bem próximo de onde ele havia se transmudado em anjinho. Cais que findou por se tornar uma espécie de 'saudade em pedra', a confirmar que o Estado pode até não ter quem o governe, mas sempre tem seus donos.

O anjinho negro regressou às *Torres Gêmeas*.

Era início de noite.

Alguém no nono andar ouviu um ruflar de asas. Disse que alguma coisa quase roçou numa das janelas.

O anjinho havia voltado para verificar se a porta do elevador de serviço, destinada ao uso exclusivo de empregados, estava bem fechada. E se uma das grades já havia sido consertada. Até observou se o cachorro da madame estava posto em sossego.

Depois saiu rapidinho. Mar afora.

Muitos seguiram o seu voo e o perderam de vista na altura da Cruz do Patrão. É um curioso obelisco, encimado por uma cruz, na saída do porto. Comentam que o lugar é rondado pelas almas penadas dos escravos nas noites negras do Recife.

Em todo o mundo ecoou um longo assobio triste, vindo daquelas bandas. Uma melodia parecida com a de uma velha música cantada por Billie Holiday, chamada *Strange fruit*. Fala de uma árvore que bota frutos estranhos e tem sangue nas raízes e nas folhas.

Começa assim:

Southern trees bear a strange fruit
Blood on the leaves and blood at the root

Black bodies swinging in the southern breeze
Strange fruit hanging from the poplar trees...

Escutem.

Everardo Norões nasceu no Crato, Ceará (Brasil). Viveu na França, Argélia, Moçambique. Atualmente reside em Portugal. É autor de vários livros de poesia, entre os quais *A Rua do Padre Inglês*, *Retábulo de Jerônimo Bosch*, *Poeiras na réstia*. Recebeu vários prêmios literários, entre os quais o Portugal Telecom da Língua Portuguesa 2014 pelo livro de contos *Entre moscas*. Publicado em várias revistas literárias, como *Granta* (edição brasileira), *Gare Maritime* e *Bacchanales* (França), *Quimera* (Espanha), *Martín* (Peru), entre outras. Seus poemas foram traduzidos em francês, inglês, italiano, espanhol, catalão e quíchua.

O nome da cidade

O nome de uma cidade
é como uma cicatriz
que você deve colocar
em documentos, cartões postais
endereço, intimações
de justiça

O nome dessa cidade
se parece com o meu
quando povoado de fauna e flora
ainda inacabadas - como
um desenho de giz
se apagando

O nome da cidade
apodrece e brilha sob
as pontes que costuram
os dias - ilusão de que eles
também são
trafegáveis

O nome Recife
se revela em meu ouvido
na maré ou na repetida
concha que encontro
quebrada sobre a areia
do tempo.

Fábio Andrade (1977) é crítico literário e professor da Universidade Federal de Pernambuco. Tem três livros de poesia publicados: *Luminar Presença & outros poemas* (2005), *A Transparência do Tempo* (2009) e a *plaquete Contramão* (2014).

NHAC!

SÓ QUEM PENSA EM PUTARIA NA VENEZA BRASILEIRA SOU EU. SÓ EU. A MINHA MÃE NÃO PENSA. A TUA MÃE NÃO PENSA. TU NÃO PENSAS. EU QUE SOU UMA PESTE. PUTA. RAPARIGA. PERDIDA. NESTA CIDADE NINGUÉM COME. NINGUÉM FODE. NINGUÉM BABA. NINGUÉM COGITA A TAL DA SACANAGEM. PURINHOS. PURINHOS. É TUDO DA CINTURA PRA CIMA. NEM PENSAR NAS PARTES BAIXAS. NUNCA. JAMAIS. NÃO TEM PEGAÇÃO NA AURORA. NO BOM JESUS. POR ESTE CAPIBARIBE SEM FIM. NADA. PRACINHA DO DIÁRIO. RUA DA SAUDADE. ANTÔNIO FALCÃO. SABE, BOA VIAGEM. PRONTO. SÓ TEM GENTE DE FAMÍLIA. A PUTARIA PASSA LONGE. NA PRAIA. NO AÇOUGUE. DENTRO DE CASA. É TUDO CASTO. TUDO SANTO. SÓ IDEIAS ILUMINADAS. PENSAMENTOS NOBRES. NÃO. NINGUÉM QUER MORDIDA. METIDA. CHUPADA. CRUZ CREDO. VIRGEM MARIA. DEIXA ISSO PRA LUZIA. CONCEIÇÃO QUE PEGAVA ÔNIBUS E SORRIA DA BOA VISTA AO ESPINHEIRO. ELA PERDIA O PRUMO AO SENTAR NO BANCO TRASEIRO. ENQUANTO DESPIA OS PASSAGEIROS. POR VEZES O COBRADOR E O MOTORISTA. COLECIONAVA GOZOS NO ITINERÁRIO. PURA FANTASIA. O PRAZER ERA EMBALADO POR UMA TREMEDEIRA GOSTOSA. A VIBRAÇÃO QUE O MOTOR DO ÔNIBUS FAZIA BEM NA PONTA DO ASSENTO. HUMMM. QUER MESMO DIZER QUE A SEMVERGONHICE É SÓ MINHA. MERGULHO SOZINHA NA DEVASSIDÃO DESTA URBE ANFÍBIA. PERDÃO. MEU QUERIDO. MAS NÃO ENGULO ESTE SAPO. NÃO SOMOS AMIGOS DO REI. ESCOLHE A TUA CAMA. NEM PRECISA DAR BANDEIRA. FEITO JOANA QUE NÃO É NADA DEMENTE. SEGUNDA. TERÇA. QUARTA. QUINTA. SEXTA. SÁBADO. ATÉ MESMO FERIADO. DOMINGO ELA NÃO GOSTA DE SAIR DE CASA. MAS ADORA RECEBER VISITAS. SEMPRE TÃO DISPOSTA. PARECE MESMO QUE GENEROSIDADE E LUXÚRIA SÃO OS MELHORES DONS DA MOÇA. E SABE QUAL O SEU CAMARADA. ME FAZER SORRIR. E MUITO. NA GLÓRIA. NO TREZE DE MAIO. NA MAMEDE SIMÕES. É TODO MUNDO SENTADINHO PENSANDO NO SAGRADO. NO DIVINO. NO AMOR AO PRÓXIMO. NÃO É. É NADA. TIRE O CAVALO DA CHUVA. É TODO MUNDO QUERENDO FODER. SIMPLES ASSIM. PERDÃO PELAS PALAVRAS. MAS É TODO MUNDO QUERENDO BUCETA. CU. E PIROCA. DESEJANDO UMA BOCA BEM QUENTE E GULOSA. SÉRIO. NÃO IMPORTA SE DIA SANTO OU DIONISÍACO. O POVO QUER O REBOLADO. A LÍNGUA MOLHADA. O GEMIDO SOFRIDO. UMA SAFADEZA BOA. UMAZINHA QUE SEJA PARA RELAXAR A TENSÃO. QUANTOS HOMENS SÃO DESEJADOS DE CACETE DURO.

LATENTE. ENQUANTO CAMINHAM EMBAIXO DO SOL AO MEIO DIA. QUANTAS MULHERES SÃO DESPIDAS POR SEGUNDO E DE LÁ DESPONTAM BUNDAS EXUBERANTES. DELICIOSAS. QUANTOS VEADOS DE QUATRO. SEDENTOS. PRONTOS PARA A VADIAGEM. IMAGINAÇÃO FÉRTIL DA RAPAZIADA. LASCÍVIA. SÃO AS IMAGENS VERDADEIRAS E LÍMPIDAS DA CIDADE. E SÓ EU É QUEM TREPO E PENSO EM SALIÊNCIA COM O VIZINHO. COM A GOSTOSINHA DO SALÃO DE BELEZA. COM O GATINHO DA SELFIE COMPARTILHADA. TÁ CERTO. VOCÊ SORRI. RITA É QUEM SEMPRE DEU RISADA QUANDO EU CHEGAVA AOS DOMINGOS E EM TOM DE MALÍCIA PERGUNTAVA.Ô SANTA RITA. FORA VOCÊ O QUE SE COME NESTA CASA. ELA TODA SACANA JÁ ME LAMBIA A NUCA DIZENDO. TEM VOCÊ TAMBÉM. COISA GOSTOSA. QUER SABER. MESMO QUE NÃO COMESSE. JÁ MATAVA A MINHA FOME. A MINHA E DE QUEM ASSISTIA AQUELA SACANAGEM MANSA. HUMORADA. EITA. LIBERDADE BOA. EITA. RITA DANADA. MAS ANTES QUE EU ESQUEÇA. RESPONDE UMA COISA. EM QUE MUNDO TU VIVES. CRIATURA. EM QUE CIDADE. QUE PLANETA. CARINHA VERMELHA AO FALAR DE PUTARIA. QUEM ESTÁ DE SACANAGEM É VOCÊ. ACERTEI. SÓ PODE. PORRA. DESCULPA AÍ. MAS RECIFE TEM CHEIRO E GOSTO DE SEXO. COMO A VIDA.

Flávia Gomes. Sou natural de Vitória de Santo Antão (PE); poeta, escritora, dramaturgista, roteirista de quadrinhos. Desenvolvo atividades na área de criação literária para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Meu livro de estreia é o *Doce de Banana — minicontos eróticos* — através do heterônimo de Norett Lutein, lançado pela Livrinho de Papel Finíssimo Editora. Pela Editora Castanha Mecânica publiquei *Linha reta, Bitola* e *Roleta Russa,* que compõem uma quadrilogia poética-política e participo da antologia *No entanto: dissonâncias.* Tenho textos adaptados para o teatro no projeto T*eatro de Quinta da Casa 17*, da Companhia Maravilhas, e assino as dramaturgias dos espetáculos *Tijolos de Esquecimento* e *Banquete de Amor e Falta*, do Acupe Grupo de Dança. Integro o Coletivo Segunda Qualquer, projeto de teatro que agrega poesia, dança, performance, música e culinária.

chame de círculo orifício halo
não importa o que se coloca
como marco se cu ou se falo
ninguém vai zerar o sangue
dos pretos aqui derramado
a corrente sanguínea indígena
rasgada deixa seu recado

aqui não se começa nada

Fred Caju é autor, editor e artesão do livro na editora Castanha Mecânica. também é curador e livreiro da Mopi - Mostra de Publicações Independentes. Facilita, presencialmente ou online, oficinas de escrita criativa, edição experimental e artesania editorial.

Soturna

as coisas todas que não vejo
o Recife
- quantos arrecifes em mim
apalpo com histórias antigas
acesas
trêmulas no eu engasgado
fadiga
lassidão
a cidade que me habita
(de pandemias)
tem hálito pútrido
cais soturno
silêncio ácido
e uma lua feia
e magra
em pleno meio-dia

Geraldo Maia nasceu no Recife. Cantor e compositor, também escreve nas horas vagas. Publicou *Breu*, um livro confessional, e projeta para 2021 o lançamento de um outro, possivelmente a continuação de *Breu*. Geraldo está na estrada faz tempo, atuando desde os anos 1970 junto com outros artistas do cenário musical pernambucano, como Lula Queiroga, Zeh Rocha, Henrique Macedo, Cássio Sette, Múcio Callou, todos amigos de geração. Tem 11 CDs lançados e participou de inúmeros outros. Gravou alguns dos principais programas televisivos brasileiros, dentre eles o *Som Brasil Djavan* (Rede Globo - RJ), *Sr. Brasil, Rolando Boldrin* (TV Cultura SP) e o *Programa Ensaio, Fernando Faro* (TV Cultura SP).

A sociedade dos quatro

Na metade do século XX, quando a rua Nova ainda era a rua mais badalada da cidade de Recife, começou-se a falar sobre a Sociedade dos Quatro. Organização criminosa que no inicio somente agia no bairro da Boa Vista.

Cobrava um imposto a esmola, cada mendigo devia entregar uma parcela do arrecadado diariamente, sob pena de ser barbaramente castigado.

A primeira vítima foi Jaime, um pedinte da rua Imperatriz que apareceu afogado numa lixeira por se recusar a colaborar com a organização. O ceguinho do acordeão, fazendo jus a sua teimosia, não concordou com as imposições da "sociedade", mudou de ponto e foi pedir esmola numa igreja da rua Imperador. Meses depois foi encontrado pendurado nas grades do átrio, enforcado com uma corda.

Passado o tempo a Sociedade cresceu a tal ponto que chegou a ter "cobradores" e "gerentes", ex-mendigos que controlavam a circulação do dinheiro derivado do imposto a esmola e do já incipiente tráfico de drogas.

Todas as bancas do jogo do bicho estavam sob comando da Sociedade dos Quatro, assim como também os prostíbulos, vários cassinos e as corridas de cavalos.

Extorquiam e corrompiam delegados, juizes e promotores, atuavam com total impunidade e reinavam no submundo do crime.

De um dia para outro a Sociedade dos Quatro acabou, assim, nem mais nem menos, da noite para o dia, num piscar de olho...

No Bar Savoy, onde anos depois o poeta Carlos Pena Filho prestigiaria suas mesas, o sargento aposentado Waldemar Ferreira, comentou para os mais íntimos que os criminosos acharam uma atividade muito mais rentável: a política.

Héctor Pellizzi nasceu em Junín de Buenos Aires / Argentina, radicando em Recife a partir de 1980, foi uns dos fundadores do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE). Editou em parceria com a poeta Fátima Ferreira os badalados fanzines *Americanto* e *Cântaro* e articulou encontros entres poetas alternativos e poetas populares. Foi

premiado em São Paulo no concurso "Linguagem Viva". Héctor sempre teve antenado em promover ações entre o Brasil e sua terra natal. Publicou livros de poesías, de contos, novelas, livros de caráter investigativo e atualmente morando en Buenos Aires dirige o jornal "La Voz de los Barrios".

Rua Imperatriz Tereza Cristina

Naquela rua histórica
contabilizei a perda
nas contas humanas.
Se mil homens foram
de nenhum sei o nome.
Só o socar profundo
protetor naquele instante
do revirar de pupilas
ao gozo retumbante.
Quantos chegassem prontos
na tontura da batalha
à tortura de ser o único.
Entre socadores viris
presos ao imã de anel
tão largo como a coroa
de glandes estufadas
sem olhar para trás
num dejavu reinante.

João Gomes (Recife, 1996) é poeta, escritor, editor criador da revista de literatura e publicadora Vida Secreta. Participou de antologias impressas e digitais, e mantém no prelo seu livro de poesia.

Ogloférices

Fumava um cigarro rente ao rio,
ou era um Marlboro
ou era um Dunhill,
e pensava em Ouroboros
no afã de exorcizar Nihil,
aquele deus que não crê nem em si,
que dirá em nós outros.
Olhava o movimento lento do fluido
que até tem água na composição,
porém parece com chumbo.
Havia lua, mas era só um caco
de um imemorial farol estilhaçado.
Na mistura dessa luz fraca
com a acobreada dos postes,
surgiu o ser heterodoxo,
não um tritão com tridente
ou uma doce ninfa fluvial,
mas um nume das cloacas,
da poluição e dos escoriais,
das necroses e das escaras,
da sujeira necessária,
mas, ainda assim, da água,
eterno símile da pureza:
era um deus-oxímoro.
Ah, a candura do oxiúro.
Há a candura do oxiúro.
Eu sabia que não o viam
os casais dispersos dos lados,
as pessoas no alpendre do Paço,

ou a estátua de Ascenso Ferreira
e o pescador só em seu barco.
Não se tratava de aparição
como a de Ulmo a Tuor
ou duma grave revelação
para a qual eu fora escolhido
como os pastorinhos de Portugal.
Não era lovecraftiano Ancestral,
nem algum deus crustáceo
cultuado pelos melanésios:
Ele nascia naquela hora,
via-o apenas porque deixara
numa esquina a minha aurora.
Não provinha do vazio fecundo
nem da demiurgia doutra deidade,
mas da pestilência e da morte,
num contraditório milagre.
Acima de tudo estava horrorizado;
mais por isso era horrível aos olhos
e como o Senhor é consigo,
consigo era o seu horror.
Aquilo contorcia-se de agonia,
arqueava em opistótono,
vã abstinência e ânsia,
gostaria de vomitar-se
para fora da circunstância.
Suspirava pela volta
ao limbo originário.
Seu olho abléfaro girava, ciclópico,
enciclopédia da medonhez ele era.
Senti que tal espetáculo
repetia-se noite após noite
para quem tivesse o necessário

óculo de desespero.
Há também, entre as divindades,
as que não logram substanciar-se,
como ocorre a certas obras,
ideias, palavras e conceitos.
Tu és, eras, graças a Deus,
ainda serás, por obra do Inferno,
tão monstruoso que mereces
a aplicação de uma mesóclise.
Chamar-te-ei Ogloférices,
abertos os dois ós;
tu não comportas
a dureza diamantina
das consoantes dentais
– não tens ossos,
apesar desse chifre amorfo –
ou o alfa alvo de um *a*,
pois não sabes da graça
sequer como esperança
e voaram todas as garças,
à terra retroagiram capivaras,
mal e mal te pressentiram
emergir do Capibaribe.

João Paulo Parisio é autor de *Retrocausalidade* (romance, Prêmio Pernambuco, no prelo), *Homens e outros animais fabulosos* (contos), *Esculturas fluidas* (poemas) e *Legião anônima* (contos), obras que o situaram entre os expoentes da nova literatura brasileira. Tem textos veiculados em inúmeras publicações literárias, a exemplo das revistas *Vício Velho*, *Germina* e *Gueto*, dos suplementos *Pernambuco* e *Rascunho*, do site *O Recife Assombrado*. Participou do segundo volume de *Ficcionais*, onde *"escritores revelam o ato de forjar seus mundos"*. Instagram: @jpparisio. Nasci em 4 de setembro de 1982, no Recife.

A esquina do Laffayette ao Bar Savoy

O Recife é uma cidade combatida e amada. Dificilmente, quem a ela se liga, consegue desatar o nó. O Recife embriaga. Maltrata e põe uma igreja aos seus pés para pedir perdão. Se as pessoas, muitas vezes não são solidárias, a natureza o é, pois aí está o Capibaribe alisando o rosto de quem vai para o lado do mar e de quem vem mais para o lado da terra.

O Recife tem mistério. Tem cheiro de velho tempo e aspirações de modernidade. Particularmente, afino-me mais com o Recife velho. Das velhas ruas onde o povo nascia, morava a vida inteira, criava raízes, morria e virava assombração para não abandonar o lugar. Mas as assombrações também envelhecem. Cansam de fazer medo e viram árvores e musgos que se agarram aos muros até que chegue o progresso, como um trator enorme, derrubando tudo e desfazendo a memória.

O Recife mais moderno, de largas avenidas, viadutos transitáveis e intransitáveis, olho com desconfiança porque é falso. Um progresso à custa do regresso do homem. Uma cidade que entrou na onda de metrópole e se desumanizou.

Quando eu era pequeno, dizia-se que quem crescia muito ficava "abestalhado". Talvez seja o caso do Recife. A cidade perdeu o controle da cidade. Entrou pelos mangues, Subiu e desceu a serra. Aterrou a maré e danou-se.

Há vários Recifes. Entre esses, o Recife dos poetas que frequentavam a esquina do Laffayette e o Recife da Geração 65. Esse último, mais que o outro, me diz muito, porque vivo e convivo com ele. Mas se fosse para escolher, preferia ter vivido aquele Recife de Manuel Bandeira: "Quando a vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros / vinha da boca do povo / na língua errada do povo / língua certa do povo / porque é ele que fala o Português gostoso do Brasil".

A ESQUINA DO LAFFAYETE

A esquina do Laffayette, na Rua do Imperador, fi mais que um ponto de encontro de intelectuais, representou a renovação literária do Recife, com repercussão no Brasil. O centro das atenções era o poeta Joaquim Cardoso e, segundo depoimento d sociólogo Souza Barros, quem ofuscava um puco a liderança de Cardoso era Ascenso Ferreira com seu vozeirão recitando, alternadamente, trechos de O Sertão e Catimbó.

Os encontros, lembra Souza Barros, tinham sabor de cenáculo. "Os livros novos, com alguma repercussão no Brasil e internacionalmente, eram levados até ali e comentados mesmo antes de qualquer referência de jornal ou revista local".

A histórica esquina era um pouco agitada para a época, pois bem perto fervilhavam as redações dos jornais mais importantes da capital: o Diario de Pernambuco, o Jornal do Recife – o mais antigo da Rua do Imperador – o Jornal Pequeno, o Jornal do Commercio e o Diário da Manhã. Havia gosto pela informação. O povo queria saber das coisas. Lia-se e estudava-se mais. Havia interesse pelos intelectuais da terra. O intelectual tinha expressão e era conhecido e louvado.

Em São Paulo, Modernismo despontava com Mário de Andrade. Aqui, a Revista do Norte, com José Maria de Albuquerque, Joaquim Cardoso, José Monteiro, Osório Borba, João Vasconcelos, Otávio Malta, José Lins do Rego, Evaldo Coutinho, Edmundo Celso, Benedito Monteiro, Austro-Costa, Eugênio Coimbra Júnior e outros frequentadores da esquina, orientavam-se por um sentido de renovação social. O Recife era, como acentua ainda Souza Barros, uma espécie de "pequena Paris do Nordeste". Na mesma época, Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro começavam a existir nas artes plásticas.

O BAR SAVOY

Cantado por Carlos Pena, em poema escrito na década de 50, o Bar Savoy era ponto de encontro da Geração 65. Havia ainda tempo para encontros e leitura de poemas. Não era necessário muito dinheiro para uma boa farra. Qualquer trocado dava para uma cerveja. Todos eram estudantes e desempregados e, portanto, sem dinheiro, mas com os bolsos cheios de papéis rabiscados de versos.

Ângelo Monteiro, Jaci Bezerra, Marco Polo, Tarcísio Meira César, Sérgio Moacir de Albuquerque, Alberto da Cunha Melo, Gladstone Vieira Belo, José Luiz, Laércio Vasconcelos, Arnaldo Tobias e outros que me fogem à memória, quase sempre às noites, lá estavam no Bar Savoy, inéditos, mas sem desespero de publicar livros.

O Savoy foi a nossa primeira universidade. Discutia-se, dialogava-se e falava-se, sobretudo, da poesia e dos poetas. Recém-chegado do interior, tomei o último carro desse trem, apesar de certas investidas no Suplemento do Diario de Pernambuco, dirigido por César Leal.

Até parece que faz muito tempo. Mas a era da tecnologia apressa a vida. Faz mais rápida a História.

José Mario Rodrigues é poeta, cronista, jornalista, ex-professor de Direito Internacional da Faculdade de Direito de Caruaru. Servidor Público do Ministério da Economia, membro efetivo da Academia Pernambucana de Letras. Tem 10 livros publicados.

Tsunami

Nenhuma cidade vai deixar de existir – muito menos esta. Mesmo líquida, ela persiste na memória dos que escaparam e em bilhões de dados espalhados no espaço; imagens e sons, a coreografia do frevo, o rio, agora subterrâneo. Ainda assim, debaixo d'água, o abalo da submersão correu adiante, em ondas gigantes, devolvidas como vieram, cheias de retratos de famílias mandatárias e de ruas esburacadas. Ricos esbanjando dinheiro e pobres chamando o senhor de "doutor" e "meu patrão".

Não houve um corre-corre na cidade que afundou, como se a cidade tivesse se recusado a subir a serra. "Corram para as montanhas" foi dito assim, meio na ironia, numa mesa cheia de cervejas. O certo seria a evacuação total, como nos filmes. Mas ao contrário ocorreu um espetáculo de resignação. Incredulidade de uns; deixa-pra-lá de outros. Até conversas sobre não existir, conversas sobre o fim, palavras salvas na nuvem - as de Adélia e Amélia, ao telefone, por exemplo. Uma no Poço, em sua casinha simpática; outra, na praia, encarando o monstro no horizonte.

A cidade se diluiu e ficou no mesmo canto, quase dissolvida. Sargaços surgiram na manhã seguinte, e os habitantes estavam desigualmente divididos, como sempre, entre a superfície da vida e o fundo da morte. Os sobreviventes fizeram fotos e até filmes. A cidade continua a existir como se nada tivesse acontecido.

Um ano depois houve a primeira retrospectiva. Parecia uma ressurreição em massa de pessoas conhecidas que ficaram sob as águas, desaparecidas, segundo boletins oficiais. Existem de certa forma ali, como linguagem, assim disseram os críticos sobre o primeiro longa-metragem do certame. Neste caso um documentário sobre a vida na cidade de antes, dois metros acima do nível do mar. Na plateia, alguma emoção entre os sobreviventes, parentes e amigos, mas a turvação dos sentimentos aos pouco cedeu lugar à realidade vindoura, naquela situação provisória, esperando.

Debates após a exibição. Claro que estamos destruindo o planeta, mas a história é outra, a natureza destruindo-se a si mesma, em placas gigantes sacolejando lá dentro, entre as labaredas infernais do plasma vermelho e choques de pedras que têm o tamanho de um hipermercado; isso as menores. Tudo foi feito sem as mãos humanas. A própria engrenagem gerou-se, por assim dizer, e criou sua lógica de funcionamento. Não há um ser pensante no comando, mas há mistérios físicos e químicos muito mais misteriosos do que um milagre.

Nesse campo em que estávamos e ainda estamos – pelo menos, alguns - o acaso parece manter um padrão, alinha-se ao cotidiano na maior parte do tempo, mas pode oferecer um espetáculo inesperado a qualquer momento. Como a nossa placa salvadora, solta no oceano, em cima da terra onde nasceram meus pais, e agora separada do continente como a jangada de Saramago.

Nenhum sinal de incômodo na cidade, agora uma ilha em destino ignorado, pois nossa capacidade de medir e prever foi destruída nessa pancada das placas, que ocorreu lá na frente, quase na África. Aquilo deixou muitos traços no comportamento dos sobreviventes, que ainda avistam a pontinha do Obelisco de Brennand, a enorme rola reduzida a uma pequena cúpula bizantina, e mesmo assim ainda um orgulho, o cartão postal semi-submerso, e se um dia a água baixar teremos de volta a Rosa dos Ventos onde tudo começou e muitas outras coisas que eram, e continuam sendo, as maiores da América latina.

Lula Falcão é escritor e jornalista. Autor de *Todo dia me atiro do térreo*, *Iberê segundo Paulo* e coautor de *Frevo – 100 ano de folia*. Em breve lançará a edição bilíngue de *Urubus na sala*, pela editora Casa Forte Publishing, de Atlanta (EUA).

Ave! Nós, prostitutas! Ave!

Pássaros
Sem hora de pouso.
O alimento
É o nosso próprio voo
Até que as horas se concluam
Com a chegada dos cavalos da Aurora.
À noite nos expomos
Aos sonhos transeuntes
À beira de postes
Ao trânsito das esquinas
Mariposas enfeitadas
Abrindo pernas
Ao gozo eterno da humanidade.
Somos pássaros
À espera do fogo infinito
Fênix à espera de suas próprias cinzas
Para renascer jubilosas de amor.
Nas doze badaladas do dia
Das igrejas do Recife
Abrimos as janelas
Dos nossos pequenos cubículos.
A vida segue sua rotina
Indiferente
Aos nossos mais íntimos cios
Suspiros pintados nas nossas retinas.

Manoel Constantino (1957, Santana do Ipanema/AL) - libriano com ascendente em Aquário, aportou no Recife em fevereiro de 1973 e desde então atua no teatro, na literatura, no cinema e no jornalismo cultural, com dezenas de premiações nessas áreas. Publicou os livros *Esquinas, Açoite, Ardências*, todos de poesia, e a novela *O Diário Quase Ridículo de Aurora*, a narrativa infanto-juvenil *Anjo de Rua*, Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Juvenil e também finalista do Prêmio Jabuti de Literatura. Recentemente recebeu o Prêmio Elita Ferrerira, com *A menina que vendia rosas encarnadas*, pela Academia Pernambucana de Letras. É editor e criador da Agenda Cultural do Recife há 25 anos.

20 ANOTAÇÕES SOB A PONTE

[01]

Aponte o horizonte.

[02]

Sob a ponte qual ponte?

[03]

Todo caranguejo é mendigo.

[04]

Para onde essa ponte vai sem a gente?

[05]

Essa ponte faz sombra em nosso caminho.

[06]

Quem passa não é a chuva.

[07]

Só para o corpo, boiando morto, parou de chover.

[08]

É todo mundo pisando em cima de todo mundo.

[09]

O fundo do rio estava vazio.

[10]

O rio só toma banho quando chove.

[11]

A Lua é que desvia da ponte para nos olhar.

[12]

Deus não salva nem os peixes.

[13]

O suicida não sabia nadar.

[14]

O mar se junta com o rio e de nada adianta.

[15]

Sentado no sofá esperava pescar. Outro sofá.

[16]

O povo anda de cabeça baixa. A gente vê aqui debaixo.

[17]

A gente tem, sim, nosso ponto de vista.

[18]

A polícia sempre põe a culpa nas águas do rio.

[19]

Nunca vi um rio mijar.

[20]

Uma cidade feita de pontes é só uma cidade feita de pontes.

Marcelino Freire é escritor. Nasceu em Sertânia, Pernambuco. Vive em São Paulo desde 1991. Já viveu no Recife. Escreveu, entre outros, "Angu de Sangue" (contos, Ateliê Editorial) e "Nossos Ossos" (romance, Editora Record). Para saber mais sobre o autor, acesse o blog "Ossos do Ofídio": marcelinofreire.wordpress.com

Todo o azul

A Carlos Pena Filho

De tanto azul é feita
esta cidade
céu azul
mar azul
e um rio
a ousar azuis proibidos
em manguezais profanados.

Homens de negros cabelos
azuis
e mulheres de peitos despudoradamente
azuis
tecem nos bares da cidade
a trama dos sonhos
reinventada a cada
madrugada
igualmente azul
enquanto mendigos e cães
se confundem
no azul melancólico das
calçadas.

Ah, Carlos
Recife continua azul
embora velho, doente
distante e saudoso do teu tempo
mas sempre
irremediavelmente
azul!

Márcia Maia - Pernambucana do Recife, Márcia Maia é médica e se aventura nos caminhos da poesia. Publicou *Espelhos* (2003), *um tolo desejo de azul* (2003), *Olhares/Miradas* (2004), *em queda livre* (2005), *cotidiana e virtual geometria* (Prêmio Violeta Branca Manescal, Manaus, 2008), *sem amém* (2011) e *onde a minha rolleiflex?* (Prêmio Eugênio Coimbra, Recife 2008, publicado em 2012), além de participar de coletâneas e revistas eletrônicas no Brasil e em Portugal. É mãe de Felipe, Maria e Tiago e avó de Letícia, Manuela, Alice e Sofia.

Ossiac

Eu sou da cidade
Mas nasci no mar
Tudo o que eu quero é cantar
Por enquanto
(Marco Polo)

O Recife é uma cidade decadente. Decadente literalmente, ou seja, sem nada que nos lembre do glamour do decadentismo artístico-filosófico europeu surgido na Paris oitocentista. Aqui, digo logo, não sobreviveriam Verlaine nem os poetas malditos. A umidade e a maldade os arruinariam antes de dez estações. Transpira-se tanto que é impossível fazer poesia em paz. E ainda existem coisas do milênio passado: a cólera e a dengue que, por certo, abatem os corpos mais sensíveis, como são os dos artistas.

A cidade é passada por rios, assim como Veneza. Mas as analogias terminam por aí. Thomas Mann não encontraria, por entre as suas ruas, nem os hotéis de luxo, nem os cafés com esplanadas tão necessários para destilar o seu ócio artístico. Do mesmo modo, o seu alterego, Gustav Aschenbach, não teria a mesma disciplina e a elevação espiritual que fizeram dele uma figura de ponta na primeira década do século XX.

É nesta condição antiestética e insalubre que vive o nosso herói Ossiac. Nome estranho, parece grego, e que a mãe, também artista, lhe pôs sem saber o significado. Ossiac é um cantor que canta porque existe, ou existe porque canta? Acho que a segunda hipótese é mais verdadeira. Nasceu com esse dom ou com esse karma de emprestar a música e o corpo às palavras.

Nunca estudou metafísica nem belles-lettres. Desconhece por completo as querelas entre os cultores da arte pela arte e os decadentistas. Nunca teve uma aula de canto. É possível que tenha cantado antes de falar. E mesmo depois de tantos anos perseguindo as melodias, ele sempre chora quando as encontra. A voz é o instrumento dos desvalidos.

Ossiac gosta de meninos bonitos e sensíveis como Tadzio, mas nunca teve de fato um namorado. Na verdade, enamorou-se de muitos da cidade, talvez até de mim, sem que nunca soubessem.

Ossiac canta tão bem que desperta culto e inveja nos outros cantores. Quando ele canta, cria em torno de si uma pluma de pavão. E ele, que não é feio, fica de fato bonito.

Tudo combina em seu corpo magro, por onde é possível estudar a anatomia humana.

Transforma as roupas velhas, molambos, em figurinos de arte para cantar. Ele mesmo, à maneira de Ariadne, as corta e cose. Depois, como um artista de ópera, maquia-se de si mesmo, pintando a cara com pó de arroz, rouge e brilho.

Reza a lenda que, uma vez, num rito tribal, desfez-se de todas as peças em pleno palco e ficou tão luxuoso que o próprio Apolo se enciumou. Por isso lhe fez perder os dentes. Uma perversidade só comparável à surdez de Beethoven ou à cegueira de Jorge Luis Borges. Mas nem por isso, como aqueles mestres, deixou o seu ofício.

Ossiac nunca saiu do Recife. Nunca bateu as asas! Conhece apenas os vergões de ferrugem das pontes e o odor forte que emana dos manguezais. Conhece, como as unhas roídas e as palmas das mãos que têm a linha da vida longa. Ossiac é um sobrevivente. Insiste em permanecer vivo desde o tempo do vivencial vivenciones, onde estreou ainda mancebo.

Na época da noite, cantou onde podia cantar. Bares, botecos, pizzarias e puteiros. Cantou quando lhe pagaram umas moedas ou lhe fizeram simples promessas. Cantou, ferido e emocionado, para casais arrebatados e plateias vazias. Cantou quando foi censurado e cantou sob protesto. Cantou mais alto e cantou mudo. Cantou à capela como se cantasse nas igrejas.

Ossiac nunca passeou de carruagens. Desfilava a sua equipagem, anônimo por entre os transeuntes da Avenida Guararapes. Não poucas vezes, percorreu a pé, sem dinheiro para o ônibus, o caminho do centro para o subúrbio. Dessa experiência, compreendeu melhor algumas insígnias locais e poemas como Evocação do Recife, sem história nem literatura.

Mas uma coisa é quase impensável para aqueles que amam a arte! Ossiac nunca se apresentou no teatro de Santa Isabel. Nunca pisou aquele palco sagrado, onde os poetas românticos inventavam performances. Tablado das companhias estrangeiras que faziam suas apresentações na Veneza Brasileira. Logo ele que, possivelmente, é o maior intérprete da cidade, nos seus dias atuais. Ele que tem com ela, como raros artistas - Baudelaire-Paris, Walt Whitman – Nova Iorque -, uma relação de simbiose.

Se as pessoas não sabem por que tornam famosa uma obra de arte, também não sabem por que, às vezes, a deixam esquecida no limbo do anonimato. Numa espécie de espaço-tempo inexistente, uma narrativa eterna do não para o esquecimento. Este é um drama da arte que permanece inexplicável, desde o tempo dos deuses à pós-modernidade. Talvez por isso mesmo ela seja tão grandiosa.

As gerações mais jovens pouco sabem da biografia de Ossiac, que é, por extensão, a própria personificação da decadência da cidade. A falta de vida e de arte pulsante do centro. A ausência de espaços verdes e culturais por onde circula e namora a gente de verdade. Essas pessoas que vivem à margem do politicamente correto e dos movimentos mediáticos.

A arte oficial e os gabinetes culturais esqueceram por completo de Ossiac. Alguns pensam que ele nunca existiu, até mesmo que faz parte da mitologia recifense, que é uma lenda, assim como algumas das histórias de Gilberto Freyre ou como o Boi Voador.

Hoje, Ossiac é avô. Cuida da filha de uma sobrinha. Leva a menina para estudar piano no conservatório pernambucano de música. E todas as noites sem exceção canta para ela dormir: "Era uma cidade mágica, deitada à beira de uma praia larga, ela é minha namorada, é minha namorada...".

Marcos Alexandre Faber inventou-se poeta no Recife. Apendeu poesia pelo olhar, pelo cinema da palavra. Precisava da música ao redor e escreveu canções com os amigos. Teorizou a poesia com um doutorado na Cidade do Porto. Virou professor na Universidade. Trocou o litoral pelo Sertão. Mudou de nome. Pôs o poema deitado na folha e se botou a narrar histórias. Prefere ler e ouvir canções em suportes como o livro e o disco de vinil. Faz do voto um ato de esperança contra o medo. Ambiciona deixar para os filhos um mundo mais justo e criativo.

Discurso dos sete sóis do Recife

1

O sol da manhã tem três momentos
limpos, definidos e em movimento.
A linha onde um começa e outro acaba
é gesto rápido de asa.

Bem cedo ainda, impregnando as pedras,
o sol é meio seio e meio lua.
Seu leite frio mistura-se à terra
que há nas paredes e no rosto dos homens.

Em cada coração a pomba escura
ainda pousada está. O vinho claro
do vento dilui ao máximo a luz
já esgarçada.

A cidade cresce no silêncio,
salamandra ardendo em cores calmas.
Sobre edifícios, casebres, casarões e casas,
o sol é uma bênção calada.

2

Num segundo o sol explode em mel
de laranja e se derrama sobre as aves,
sobre as árvores, sobre os frutos:
sobre as praias derrama o seu verão.

Emaranha-se nos cabelos uma brisa
de pitanga e tangerina, o céu se abre
em leque de papel de seda e a cidade
ávida se agita, onda entrelaçada.

Ananases e cajus se incendeiam,
gordas goiabas racham e se rebolam,
papoulas giram hélices vermelhas
e os jasmins despencam em chuva branca.

Este segundo sol é o escudo
e o espelho da manhã. Nele se estende
o dorso liso da cidade, a sua chama,
a sua lâmina azul e incandescente.

3

O terceiro sol da manhã
entra na esfera do ardor.
Exerce sua áspera sintaxe
para elaborar seus versos duros.

O compacto das sombras
pesa nas superfícies e arestas
como poço de calor ou
rachadura no vento.

A manhã amadurece
e cai molhando a areia seca
com seu sumo sujo,
seu gosto de pó e lama.

Cores de susto
esticam suas peles.
No tambor do sol
há um olho arregalado.

4

Dentro da tarde o sol tem três momentos
que se movimentam em asa tonta e lenta.
O primeiro é um pássaro dourado e silencioso
cujo corpo é atravessado pela cidade.

Dentro dele (que é transparente) a cidade, alagada
em duramarelo, começa a se derreter.
Começa a vibrar em terremoto e febre
enquanto os delírios passeiam nas janelas das casas.

A indecisão percorre as linhas, o tumulto
do informe lança o manto sobre os ossos da vida.
Tudo caminha para um lago de lava
que desce a montanha do céu indiferente.

Os homens andam pesados, seus rostos são garranchos
de mão com mal de parkinson, a luta desce
ao ponto morto da exaustão, a espinha da cidade
está quebrada sobre um deserto de vidro moído.

5

Para reatar a tarde o quinto sol
esfria tudo ao redor. Espalham-se amarelos

de um amarelo-gema. A luz limpa os olhos e
as cores de tudo que é agulha e ferida.

Tudo é brilho e nitidez, tudo se move:
o cata-vento vermelho, o carro branco,
o avião niquelado, as folhas das janelas
onde se debruçam fêmeas de cabelos esverdeados.

Já se colocam varandas diante das casas,
rasgam-se janelões nas paredes dos quartos.
O sol varre corredores, salas e desemboca
nos quintais, nos pássaros de brinquedo.

A tarde é um carrossel
de flores. Bicicletas frágeis
percorrem-na em silêncio. O mar
é um espasmo interminável.

6

O terceiro sol da tarde, o sexto movimento
enche-se de áspera hemorragia
por fora e por dentro
melando todo o dourado que se via

banhar de ouro a cidade, suas paredes,
suas vidraças. Agora
vê-se que aquele ouro era só casca, e a rede
de sangue embala cada segundo da hora.

A cidade se desfaz, desta vez na sombra,
como que mergulhando na lama

do rio, gato camuflando-se na alfombra
ou moribundo se misturando à cama.

E o preto, esta cor soma das cores,
pincela os olhos do tempo, esta soma
de sóis.O vento abre seus sabores
e passeia sonhos sobre a cidade em coma.

7

O último sol é o sol do mistério
situado ao oriente destas trevas.
Medalha imaginada, flutuando
no reverso de um mar inquieto.

Viaja longe, invisível e silencioso,
girando suas mil flores amarelas,
suas engrenagens de surpresa e vidro,
suas agulhas de gelo enfurecido.

Agora habita outro universo, outro rio
navega em suas veias; e aqui é outro mundo
também, cheio de estalidos, sussurros
suspeitos, tudo em aguda suspensão.

Seus galos, seus soldados, suas sentinelas
aguardam pacientes o momento certo
de lançarem gritos de aviso, flechas
que risquem no céu o cenário da nova manhã.

Marco Polo Guimarães é recifense. Trabalhou nos jornais Diario da Noite, Jornal do Commercio, Diario de Pernambuco, Jornal da Tarde e na revista Continente. Publicou os livros *Voo Subterrâneo, A Superfície do Silêncio, Brilho, Caligrafias, Corpoionteiro, Oficina do Avesso* e *Sax Áspero*, de poesia; e *Narrativas, Memorial* e *Autópsia do Bípede*, de prosa. Como cantor e compositor lançou os álbuns *Ave Sangria e Vendavais*; e participou da coletânea *Asas da América – Frevo*. Tem músicas gravadas por Ney Matogrosso, Lenine, Elba Ramalho, Teca Calazans, Zezé Motta, Geraldo Maia, Maciel Melo, Silvério Pessoa e Ortinho, entre outros.

homem
e o campo
SARGENTIM
Cadernos de Gramática
PROCEDIMENTO SUMÁRIO
VENDA PROIBIDA
RESPONSABILIDADE DOS ADMINISTRADORES
DIREITO AGRÁRIO

EVOCAÇÃO DO RECIFE nº 2

Sou filha do Recife

Da senzala dos tempos modernos
Não da União, Aurora, Soledade...
Essas vieram-me bem depois
Nasci dos seus becos sórdidos
E escapei entre as papoulas
Que enfeitavam meus cabelos

O Recife da Violência, das Drogas
De alma desasfaltada
E coração movido à lama
Que pulsa por trás do Shopping Center

Recife sem igrejas barrocas
Teatros nem praças floridas
Recife que nem o frevo é capaz de alegrar
Dos barracos de tábuas
Aprende-se, na marra,
A suportar a frieza do chão
E não chorar com a dor das feridas

Que nem Omolú ousa sarar

Recife dos riscos, dos restos,
Dos ratos que me atormentavam
Lugar onde baratas não assustam
O corpo só treme diante do gatilho

Recife de estômago vazio
Sem luas cheias
Sem estrelas, sem poesias
Sem canto dos pássaros
Nem árvores para brincar

Recife sem primavera

Com um mau hálito
Que violentava meus sonhos de criança
Recife que eu vi bem de perto
Que nunca me plantou esperanças

Um Recife que também era Antigo
Mas não aparecia na televisão
Recife desértico, árido, seco
Que mata mais que o Sertão

Recife do Coque, Ibura, Beberibe
De Brasília Teimosa, Guabiraba,
Linha do Tiro, Morro da Conceição
Recife de tantas Águas, Altos, Encruzilhadas

Do meu Santo Amaro das Salinas
Que nunca me abandonou
Ainda lembro-me menina
De anjo, acompanhando o seu andor:
"Ó piedoso Santo Amaro
Entoamos com fervor
Bendizemos vosso nome
Esse hino de louvor..."

O Recife que só colocava-me no colo
Quando eu corria pelos seus manguezais
Amarrava caranguejos
Para libertar minhas fantasias
E iluminava o Rio Capibaribe
E todas as suas pontes
Com gotas daquela alegria

Recife que só era doce
Nas festas de São Cosme e Damião
E no terreiro de Mãe Lúcia
Cantávamos para os Ibejís
Sem medo, com respeito

E saquinhos na mão

Um Recife que está morrendo
E velo o seu corpo à distância
Ansiosa pela última pá de areia

Recife dos becos sem saídas
Sem ruas nem avenidas
Que mesmo com tanto esforço
Não me prendeu em sua teia

Um Recife que tentou
Mas não matou esse amor
Em meu peito despertado,

Recife dos meus monstros, mitos, lendas,
Tantos anos adormecido,
Acorda nesses versos soluçados
Teu crime não foi prescrito
Recife da minha infância
O mesmo dos meus pesadelos
Recife que aqui eu vomito.

Odailta Alves (14 de julho de 1979), escritora, atriz e educadora negra, nasceu na Favela de Santo Amaro, Recife. É mestra em Linguística pela UFPE, trabalha com formação antirracista junto a educadores e ao público em geral. Publicou 05 livros independentes de forma artesanal, "Clamor Negro" (2016), "Cativeiro de versos" e "Escrevivências" (2018) e "Letras Pretas" (2019) e Pretos Prazeres (2020). No segundo semestre de 2020, publicará seu sexto livro "Nenhuma palavra de amor", pela Editora Segundo Selo, da BA. Participa de vários saraus de Pernambuco. Em 2016, teve seu poema "Língua", premiado com o 1º lugar no II Concurso Internacional da Casa de Espanha (RJ); em 2019, ganhou o Festival Nacional Elas por Elas (RN), com o poema "Paz".

Letras iniciais

sem mistérios
a vida não se leva ou traz
igual farinha
nas compras da sexta-feira

no domingo o parque não me cheira a prazer
derivo para uma rede na varanda

quando não vejo velhos livros

nas calçadas mijadas da guararapes
que precisa recuperar
a perdida dignidade da inicial maiúscula

vez por outra
atravesso a nados de imaginação
o rio Capibaribe
que todo dia
enche de uma água que ainda parece sua

mantém a maiúscula
e beija o beberibe

este reduzido à minúscula
pela infame degradação

Pedro Américo de Farias, nascido em Pernambuco, mora em São João del Rei – MG. Licenciado em Letras, escreve e diz poesia, ensaia prosa crítica e ficcional. Exerceu atividades de gestão na Fundação de Cultura Cidade do Recife, onde desenvolveu inúmeros projetos, entre os quais o do festival A Letra e a Voz. Integrou o Conselho Editorial da Cia. Editora de Pernambuco – Cepe (2011 – 2015). Publicou, entre outros: *Coisas: poemas etc* (Linguaraz Editor, 2015); *Ficção em Pernambuco – breve história* (c/ Cristhiano Aguiar, Interpoética, 2013); *Viagem de Joseph Língua* (romance. Ateliê, 2009); *Par ímpar* (c/ Wilson Araújo de Sousa, ed. do autor, 2009); *Linguaraz* (audiopoemas, ed. do autor, 2009). Contato: linguadepoeta@gmail.com

Vielas becos galerias e aterros

Corre, mulher, o pobre do hômi tá lá, enganchado no buraco, deve de tá todo lanhado! Oi, menina, que conversa é essa? Teu pai que caiu no buraco do bueiro, a tampa abriu sei lá como e ele tá preso lá. Tão vendo jeito de puxar ele fora! Ave Maria, deixa eu correr lá. Foi onde mermo???!!! Na travessa com a rua de trás do Madeiras!

O fuzuê come solto na rua, caixas de som na calçada colocam em CAIXA ALTA os sentidos de quem esteja a raios de distância e abafam um tanto dos diálogos em volta do buraco de bueiro, com tampa de cimento quebrada e ferragens enferrujadas pleonasticamente nessas redondezas, em que uma profusão de vozes, curiosos e os que tentam solucionar a questão, se dividem em sugestões para o resgate. O pobre atolado só geme e espera. Até que chegam dois mais corpulentos com uma corda e conseguem que ele amarre a cintura no pequeno espaço que lhe sobra, entalado no buraco de esgoto como está. Depois de muita peleja, o acidentado é içado: a catinga de lama (alguma gentileza nas sinestesias há que haver neste relato) misturada a tecido rasgado na calça, um pé de calçado perdido nas galerias e parte do sangue é o que se pode distinguir.

Eita, gota! Vai ter que tomar vacina! É muita bosta onde feriu, dá não! Oxe, vai ser muita injeção e cloro pra limpar isso aí! Bora, menino, tá bom de curiar a vida dos outros, passa pra casa, fazer a lição! Vem timbora, Germana, a panela já ferveu!

A dispersão vai acontecendo em compasso oposto ao do som estridente das caixas e as ruas voltam a ser pasto de cadeiras nas calçadas dos sem emprego ou dos mais velhos e dos passantes a pé ou de bicicleta. Os carros são bem poucos, a rua ainda é somente barro e lama nos dias de chuva, fazendo piscinas naturais de argila: *alguém devia vender a ideia de que é medicinal e cobrar pra gente rica vir aqui passar essa lama na cara...*

Mas painho, como tu foi cair no bueiro? Oxe, menina, e tem quem veja alguma coisa naquela rua alagada! Decorei não onde tem buraco... Na emergência do hospital, aguardam liberação, depois de uma limpeza e dos curativos e pontos e injeções, e de jogar as roupas rasgadas e imundas fora ("...e era a calça mais nova que tinha colocado pra entrevista de emprego. E o pé de calçado, meu Jeová, que se foi no esgoto!"). *O senhor tem que ir no Posto de saúde da comunidade para tomar as vacinas, não pode deixar de ir, viu? Sim, doutor!* (responde enquanto pensa: "se abrirem o posto, se tiver a vacina... se a doença do rato não me levar antes").

[Olha o gás, botijão com 13k de verdade, promoção da Gugugás só aqui em Ponto de Parada, é aqui na moto! Olha o gás, leva e instala na sua casa, baratinho baratinho!]

[A Kombi do sorvete, traga a vasilha, traga a vasilha, dez bolas de sorvete por 5 reais. Diversos sabores, traga a vasilha! É o sorveteiro barateiro!]

Enquanto desce da condução, Janaína segura o braço do pai e pensa: "sorvete de anilina, dez bolas sabor água com açúcar e lá vai a gente sem emprego ainda, sem calçado, e eu perdi a faxina de hoje pra cuidar do meu pai. Hoje já é quinta feira, desde sábado que Tuco não dá notícia" ...e ela não sabe nem se ele foi preso, se ele não tá nem aí pra ela e a barriga crescendo, que ninguém ainda vê, mas não vai dar mais pra esconder por muito tempo. "Outra boca vazia, Senhor..."

Ô, filha, eu não vou pra casa direto não. Vou passar na serralharia pra ver se tem algum serviço que esteja precisando de mais gente... Mas, painho, o senhor tá machucado, ainda tem que marcar no Posto de Saúde as vacinas... E as contas vão esperar, menina? Vou ver se Gilvan tem serviço pra mim. Maldita hora em que derrubaram o prédio velho pra fazer outros maiores... Eles falam que vão contratar a gente de novo, não pagam os direitos da gente e nunca mais que ligam... Tá bom, painho. Mas volte logo pra casa que vou esquentar a sopa que tem e ver se a minha patroa da faxina de hoje quer que eu vá terminar o serviço amanhã, depois da casa de Dona Irene...

[Tem gente demais nessa cidade, tem muito esgoto e rato e pombo e percevejo, e tem mosquito de todo jeito? Só a Veneno Seguro controla as pragas. Orçamento sem compromisso].

O sol que arde com a violência de uma pira particular de meio dia para cada vivente se despede cedo, porque não é obrigado a dar hora extra. E cai uma noite antes das 18h, fingindo que ameniza o clima abafado e úmido. A urubuzada vai se espraiar nos ares elevados e nas várzeas, procurando alguma galinha d'água que - cegada no lusco fusco - encontre destino de defunta, ou carcaça de qualquer espécie dando sopa na beira do rio. Porque as águas só correm mesmo no tempo das chuvas, é tanta baronesa imperadora de lama que tudo encalha...

Enquanto isso, Tuco e Lequinho esperam a hora certa da madrugada pra entrar na casa que já atocaiaram a semana inteira: *Tem logo três bicicletas dando sopa, velho! Só pular daquele lado de trás e pronto, a gente revende no Detran e tá feito o final do mês!*

Mas a cerca partida dois dias antes pela manga roída despertou as pestanas do proprietário: cidadão de bem, indignado com tanto roubo no bairro: *Isso aqui já foi o paraíso! Foi-se o tempo. Agora só tem marginal nessa cidade!*

****

Enquanto suspiram as capivaras, o cortejo segue em Santo Amaro. Vala comum, sem placa. Ateu, cristão e macumbeiro. Ateu por herança, cristão por valores mesmo e macumbeiro por encanto. Ah, e gostava de dizer que tinha herança do partido comunista; aliás, os valores são bem próximos de um certo cristianismo, se entendido como reformador social... (Ele "queria mesmo a bicicleta porque tinha percebido a gravidez de Janaína e tinha certeza de que ia se acertar quando virasse pai").

Renata Pimentel é Bacharel em Letras, com Mestrado e Doutorado em Teoria Literária pela UFPE. Desde 2010 é professora associada de literatura na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Publicou *Uma lavoura de insuspeitos frutos* (ed. Annablumme, São Paulo, 2002); *Copi: transgressão e escrita transformista* (ed. Confraria do Vento, 2011); *Da arte de untar besouros* (poesia, ed. Confraria do Vento, 2012) e *Denso e leve como o voo das árvores* (poesia, ed. Confraria do Vento, 2012); além de diversos artigos em vários periódicos e capítulos de livros. Tem formação também em dança clássica e atua nas áreas criativas da dramaturgia em dança contemporânea e teatro e com curadoria e pesquisa em artes visuais. Foi colunista do JC on line e da revista e site Outr@s Crític@s.

Fugas

Aos três anos
saí de casa.

Fui ao norte sem estandartes
sem mapas, sem companheiros
iniciar uma luta secreta
algum combate cego
implantar um reino que sequer sonhei.

Fui resgatado, domesticado
naveguei nas galeras
endureci os ossos com o peso dos remos.

Como um bom cativo
carreguei vidros, pedras, promessas.

Estava velho
quando tentei novamente.

Não era mais criança, adulto.

Tinha umas cicatrizes
que me ocultavam os olhos, o sorriso.
A carta de intenção, perdi no trajeto.

Queimei minhas memórias no meio da noite
com os que fugiam.

Cheguei ao porto inesperado.
Debrucei-me.

Olhei assustado para a cidade velha e desgastada.
Um cativeiro à sombra me aguardava.

Com as chaves na mão
procurei portas para abrir.

Mas não havia portas que nos separassem,
Recife.

Samarone Lima, 51 anos, cearense radicado em Pernambuco, é poeta e prosador. Tem seis livros de poesia publicados. O mais recente, "Cemitérios Clandestinos", foi lançado pela CEPE, em novembro de 2019. Atualmente vive em Olinda.

recife

o capibaribe é a espinha dorsal
o mar, sangue que bomba a aorta e deságua
nas encruzilhadas ruas becos

o capibaribe é a espinha dorsal
o sol, luz que se apaga com os caranguejos
nas duras caçadas de pescadores do mangue

o capibaribe é a espinha dorsal
o frevo, "não deveria ser refém do carnaval"
disse o poeta

o capibaribe é a espinha dorsal
o cheiro do rio
seus restos mortais
sobrevivem

Socorro Nunes nasceu em Araripe – CE e está radicada em Minas Gerais. É professora da UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei. Pesquisadora do CNPq na área de alfabetização, letramento e cultura escrita. Além da produção acadêmica, escreve poesia, gênero em que publicou os seguintes livros: *O que ficou da fotografia* (Linguaraz Editor, 2016); *Meu samba* (Penalux, 2015) e *Miragem* (Cepe, 2015). Contato: socorronunesmacedoufsj@gmail.com

Caritó

Quando completei 8 anos minha mãe começou a varrer meus pés. Era obvio, eu estava virando mocinha e o futuro era inevitável: crescer, casar e sair de casa. Eu ainda brincava de boneca e minha mãe já pensava nisto tudo. Filha, você jura que nunca vai me abandonar? Juro mamãe. Jura por Deus? Juro por Deus. Nem sabia direito quem era esse tal de Deus, o que ele fazia, onde ele morava e porque as pessoas tinham que jurar por ele sempre que algo era importante. Minha calçada tinha o cheiro do esgoto em que se transformou o Rio Tejipió que ficava do outro lado da rua, mas os meninos não. Eles cheiravam a sal do mar e traziam a maresia no andar. O ritual era diário. Varria a calçada e lavava para tirar o esgoto e o sal, depois varria a sala e dizia pra eu juntar os pés que ela ia varrer para tirar a poeira. Hoje eu sei que o ritual de varrer os pés tinha outro significado. O varrer os pés era sinal de mau agouro para moças que sonhavam em casar. Certo dia decidi que não queria mais juntar meus pés. Ela enlouqueceu. Sua loucura aparente me despertou para a vida. Eu já estava com 13 anos. Dei o primeiro beijo. O primeiro de muitos. Nunca mais meus pés foram varridos. Minha mãe sim, ficou louca varrida tentando varrer os pés das outras meninas da rua. E eu, ah fui varrer o mundo com a vassoura do corpo. Esguia, reta como piaçava chamei a atenção dos faxineiros e diaristas dos metrôs do Recife.

Susana Morais é recifense (1980) e escreve cordéis desde 2005. Possui mais de 80 títulos publicados. Além de pelejas (todas virtuais) a autora também se dedica à escrita de cordéis infantis e de gêneros. Além de escritora e recitadora, é instrutora de oficinas de cordel, palestrante e contadora de histórias para o público infantil, ao lado do seu parceiro, o musicista e xilogravador Diego Gibran.

Em minha vida passa um rio

O dossel do rio se rompeu:
As derradeiras baronesas
desprendem-se das úmidas entranhas dos barrancos.
Precavidas , as ninfas já partiram.
Doce Capibaribe, corre suave , até que o meu canto termine.
O rio não suporta garrafas vazias, restos de comida ,lenços de seda , caixas de papelão, pontas de cigarros, diferentes bugigangas
em seu dorso e outros testemunhos das noites insones.
Os ociosos herdeiros dos
magnatas municipais,
partiram sem deixar vestígios.
Às margens do Capiberibe
sentei e lá chorei.
Doce Capibaribe, corre suave,
pois falarei baixinho e
quase nada te direi.
Atrás de mim, porém numa
rajada fria, escuto
o insistente chocalhar de ossos
na Cruz do Patrão.
E um riso ressequido
tangencia o rio.
Os lúgubres murmúrios da Emparedada da Rua Nova,
ecoam no vento cruzando
a terra estiolada.
O rumor das buzinas e motores, não trarão a rebeldia da Praiera
e a libertária

Confederação do Equador.
Oh! cidade indomável,
às vezes posso ouvir
Em qualquer bar da Mamede Simões,
o álacre lamento de um bandolim,
e a algazarra que farfalha em
bocas tagarelas.
O rio poreja vinhoto e poluição.
As barcaças derivam ao sabor
das marés,
onde os desportistas ao remo
exercitam-se
sob os arcos das belas e
infindáveis pontes.
E sua correnteza serpenteia a cidade a convidar para o eterno renascimento.
Rio das Capivaras, corre suave,
até que o meu canto termine.
Cão sem plumas, pássaro fênix
A prolongar o nosso desencanto
e alumbramento.

Valmir Jordão é poeta, compositor e performer. Nascido em 1961 no Recife, participou do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco no início dos anos 80. Apresenta-se em praças, teatros, escolas, sindicatos etc. Participa de saraus, oficinas e eventos culturais em Recife, Olinda, e em outras cidades do Brasil. Publicou vários livros, entre eles: *Sobre Vivências* (1982); *Anartistas in nuliverso* (1985); *Antípoda* (1990); *Poe Mas* (1999); *Hai Kaindo na Rea*l (2008); *Poemas Diversos* (2013); *Poemas Reunidos* (2014); *Poemas Recifenses* (2019).

BARONESAS

Sou parte de sua arquitetura de nômades.
Sou uma das almas que a deixarão.
Nela reflete-se a cruz
que desenham suas águas – cidade híbrida,
antiga como a dúvida ou a certeza: pedra
de onde arranco a minha espada.

I – O RIO

No Recife,
desde criança aprende-se o rio
olhando-o nos olhos,
vencendo-o sobre seu dorso,
tocando-o da varanda de suas pontes.
Ali vive a certeza – tanto tempo
inconsciente – de que no rio
corre a nascente de nossa memória.

No Recife,
cada ponte é um rito, uma música,
uma antiga bandeira.
Os passos costuram, margem
a margem,
os úmidos tecidos da cidade.

No Recife,
uma ponte não é só um caminho:
seu corpo é o abraço
que damos no rio,

é o traço do lápis
no mapa do rio,
e a batalha que vence
a fronteira do rio.

II – A PONTE DA BOA VISTA

Esta ponte não se curva
ante o império do rio.
Seus braços de ferro
se erguem como trilhos
na partida de um trem subindo ao céu.

De longe,
a ausência do arco
une um lado ao outro lado –
trança de espelhos
que no espaço se inscreve.

Grade que guarda o passeio,
gaiola aberta
peneirando a paisagem,
da Rua Nova à Imperatriz,
a menor distância é a sua paisagem.

Ponte das gentes, dos carros,
da visão de imensas flores:
gare de um céu que nos invade.

Weydson Barros Leal (Recife, 1963) é poeta e crítico de arte. Seu primeiro livro, *O Aedo* (1989) recebeu o prêmio Mauro Mota, do Governo do Estado de Pernambuco e o Prêmio Othon Bezerra de Melo, da Academia Pernambucana de Letras. Publicou os livros de poemas *Os círculos imprecisos* (Massao Ohno, 1994), *A Quarta Cruz* (Topbooks, 2009), *Os dias* (Topbooks, 2014) e *Ópera Jazz* (Confraria do Vento, 2016). Publicou livros sobre Brennand, João Câmara, Abelardo da Hora, Corbiniano Lins e Samico, recebendo o Prêmio Jabuti 2012 por este último.

TIGRE
TIGRE

De como a cidade nasceu

Choveu a noite toda. Sob a água fizeram amor até de manhã. O Sol desmanchou-os. Ela virou mar e ele arrecifes. Da espuma dos choques entre os dos dois corpos surgiu o mangue cheio de caranguejos siris chiés mariscos e ostras. Dentro de uma destas um pescador de Olinda achou um Porto. Deu-lhe o nome de Recife.

Wilson Freire é médico, cineasta, compositor e poeta. Autor dos livros *A Mulher que queria ser Micheliny Verunschk* (romance) e *Haikaiando* (poemas).

Créditos

Design Gráfico e Editoração

Rebeca Gadelha é Otaku, Gamer, Artista Digital e Geógrafa. Tem um fraco por criaturinhas peludas e chá gelado. Participa da Plataforma Mirada como Designer Gráfico e curadora. Atualmente trabalha com edição de vídeo do projeto Literatura & LIBRAS (instagram @senhorita_ly) e escreve no Medium sob o pseudônimo de Jaded. IG: @ohmyjaded

Organização

Raimundo de Moraes é escritor, jornalista e publicitário.

Fotografias

Priscilla Melo é fotógrafa e atua há alguns anos na captação de imagens para produções audiovisuais independentes. Técnica em Rádio & TV pelo SENAC, atualmente estuda Tecnologia em Fotografia na UNICAP. Fotografias: p.23, p.73,p.84,p.96, p. 9.

Taciana Oliveira atua em direção e produção cinematográfica, coordena e publica na plataforma digital Mirada – www.miradajanela.com . Dirigiu "A Descoberta do Mundo", um documentário sobre Clarice Lispector. Tem no prelo Coisa Perdida, livro de poemas. Fotografias: p.9-10, p.14, p. 19, p.25, p.29, p.34, p.36,p.40,p.42. p.49,p.55, p.56-57, p.61,p.64,p.74,p.78.p.80, p.88, p. 90, p.95, Capa - stillframe do filme Quantos Gritos Cabem no Silêncio dessa Cidade; Direção: Taciana Oliveira).

Fotografias das páginas 44 e 52: Carlos Teixeira/DP/D.A Press.
Disponível em: https://poraqui.com/coracaodacidade/bar-savoy-versos-embriagados-de-um-recife-boemio/

MIRADA